



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
CAMPUS DE CUITÉ**

MARIA DA GUIA OLIVEIRA DOS SANTOS

**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E EJA SOBRE AS
ATIVIDADES DE CAÇA E USO DA FAUNA CINEGÉTICA NO MUNICÍPIO DE
NOVA PALMEIRA-PB**

CUITÉ – PB

2014

MARIA DA GUIA OLIVEIRA DOS SANTOS

**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E EJA SOBRE AS
ATIVIDADES DE CAÇA E USO DA FAUNA CINEGÉTICA NO MUNICÍPIO DE
NOVA PALMEIRA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cuité, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Franco Trindade Medeiros

CUITÉ – PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237p Santos, Maria da Guia Oliveira dos.

Percepção dos Estudantes do Ensino Médio e EJA sobre as Atividades de
Caça e Uso da Fauna Cinegética no Município de Nova Palmeira-PB. /
Maria da Guia Oliveira dos Santos – Cuité: CES, 2014.

73 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de
Educação e Saúde / UFCG, 2014.

Orientadora: Dra. Maria Franco Trindade Medeiros.

1. Caatinga. 2. Etnozoologia. 3. Atividade cinegética. I.

Título.

CDU 504.75

MARIA DA GUIA OLIVEIRA DOS SANTOS

**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E EJA SOBRE AS
ATIVIDADES DE CAÇA E USO DA FAUNA CINEGÉTICA NO MUNICÍPIO DE
NOVA PALMEIRA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Campina Grande, como forma de obtenção do Grau
de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Maria Franco Trindade Medeiros (Orientadora) – CES/UFCG

Prof^a. Dra. Marisa de Oliveira Apolinário (Membro Titular) – CES/UFCG

Prof^a. Dra. Michelle Gomes Santos (Membro Titular) – CES/UFCG

Prof. Dr. Francisco José Victor de Castro (Membro Suplente) – CES/UFCG

À minha mãe, Anaiza, pelo apoio e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força, entendimento e oportunidade oferecida.

A minha mãe, Anaiza, por ter me proporcionado a oportunidade de estudar, sempre me apoiando e me incentivando.

Ao meu esposo, Josuel, por compreender os meus momentos de ausência e pelo conhecimento proporcionado.

A Universidade Federal de Campina Grande, pelo conhecimento proporcionado.

A minha orientadora, professora Dr^a. Maria Franco, pela paciência, amizade e conhecimento proporcionado.

Ao Dr. Wedson de Medeiros, pela colaboração.

A doutoranda Dandara Monalisa Mariz Bezerra, pela ajuda, presteza e gentileza.

Aos meus alunos, estudantes da E.E.E.F.M. Antônio Coelho Dantas, que participaram dessa pesquisa, pelo conhecimento proporcionado.

A diretora da E.E.E.F.M. Antônio Coelho Dantas, Sandra de Medeiros, pela permissão para realização desta pesquisa.

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”
Paulo Freire*

RESUMO

A fauna do bioma Caatinga é explorada pelos residentes locais de várias formas: uso alimentício, medicinal e criação em cativeiro. Analisando a questão da atividade cinegética, prática popular nesse bioma, desenvolvida de forma predatória oferecendo sérios riscos à fauna, comprometendo seu desenvolvimento e até mesmo levando determinadas espécies à extinção, desenvolvemos um estudo para compreender o atual cenário de ocorrência desta atividade de caça entre estudantes de ensino médio e EJA de uma escola no semiárido paraibano. O objetivo deste trabalho foi registrar a fauna silvestre capturada e/ou comercializada para fins de estimação e de alimentação entre estes estudantes da escola pública do município de Nova Palmeira. A pesquisa foi realizada com estudantes do 1º, 2º e 3º ano médios regulares e uma turma de EJA (n=26) que praticam/praticaram atividade de caça em algum momento da vida, através de entrevistas semiestruturadas auxiliadas por questionário com perguntas abertas e fechadas acerca da atividade cinegética. A maioria dos alunos (77%, n=20) afirmou ter capturado algum animal silvestre com fins de estimação (pets). Apenas 8% (n=2) dos alunos afirmaram ter comercializado animais capturados, especialmente aves silvestres, com relação à captura para consumo da carne, todos os entrevistados já realizaram essa prática, entretanto todos afirmaram não realizar comércio, capturam apenas para consumo próprio e/ou de seus familiares. Identificamos os animais mais capturados para criação em cativeiro: periquito da caatinga (*Eupsittula cactorum*); golinho (*Sporophila albogularis*) e azulão (*Cyanoloxia brissonii*) e, para consumo da carne: tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), rolinha-branca (*Columbina picui*) e tacaca (*Conepatus amazonicus*). Percebemos que a atividade cinegética ainda está vivamente presente entre os jovens e adultos sendo preciso uma educação popular de reorientação para a conservação da fauna silvestre da caatinga.

Palavras-chave: Caatinga, semiárido, etnozootologia, atividade cinegética

ABSTRACT

The fauna of the Caatinga biome is exploited by local residents in a variety of ways: use food, medicinal and breeding in captivity. Analyzing the issue of cinegetic activity, practice popular in this biome, developed in such a way predatory offering serious risks to the fauna, compromising their development and even taking certain species to extinction, we have developed a study to understand the current scenario of this occurrence of hunting activity among young students and adults of the secondary school in a school in semi-arid Paraíba. The objective of this study was to record the wildlife captured and/or marketed for purpose of estimation and feeding among these students of the public school in the city of Nova Palmeira, PB. The research was conducted with students in 1st, 2nd, and 3rd year regular average and a class of EJA (n= 26) who practice/practiced of hunting activity at some time in life, through semi-structured interviews aided by questionnaire with open and closed questions about the cinegetic activity. The majority of students (77 %, n= 20) said that they had caught some wild animal with purposes of pets. Only 8% (n= 2) of the students said they have marketed animals captured, especially wild birds, with respect to the capture for consumption of meat, all of the respondents have already made this practice, however all said they would not carry out trade, capture only for own consumption and/or their family. We identified the animals more captured for breeding in captivity: Parakeet of caatinga (*Eupsittula cactorum*); golinho (*Sporophila albogularis*) and azulão (*Cyanoloxia brissonii*) and, for consumption of meat: tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), white rolinha (*Columbina picui*) and tacaca (*Conepatus amazonicus*). We observed that the activity game is still lively present among young people and adults that need a popular education of refocusing on the conservation of wild fauna of the caatinga.

Keywords: Caatinga, semiarid, ethnozology, cinegetic activity

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Animais silvestres cuja carne é considerada mais vendida e seus respectivos preços estimados por unidade segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....46

Quadro 2 - Animais silvestres vendidos para serem criados como animais de estimação em ordem decrescente do número de citações e preços por unidade segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização do município de Nova Palmeira, Paraíba, Nordeste do Brasil.....	36
Figura 2 – Fachada da escola Antonio Coelho Dantas.....	37
Figura 3 – Pessoas que também caçam e moram na mesma casa que os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	43
Figura 4 – Pessoa que transmitiu o conhecimento da atividade de caça para os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	44
Figura 5 – Meios de transporte mais utilizados para o deslocamento até a área onde vai realizar a atividade de caça segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	45
Figura 6 – Famílias de répteis, aves e mamíferos e respectivos números de espécies segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	52
Figura 7 – Técnicas de caça utilizadas por jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	54
Figura 8 – Animais capturados para consumo da carne segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	55
Figura 9 – Animal silvestre que os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB mais gostam de caçar.....	56
Figura 10 – Animais mais capturados para criação em cativeiro (pet) segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	57
Figura 11 – Periquito-da-caatinga (<i>Eupsittula cactorum</i>), foto representativa da espécie utilizada como animal de estimação, (A) animal criado em “poleiro”; (B) criado em gaiola.....	57
Figura 12 – Azulão (<i>Cyanoloxia brissonii</i>) (A); golinho (<i>Sporophila albogularis</i>) (B), foto representativa das espécies utilizadas como animais de estimação.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aspectos demográficos, sociais e econômicos dos jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	40
Tabela 2 – Táxons e categorias de uso citadas pelos jovens e adultos do ensino médio da E. E.E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.....	48

LISTA DE SIGLAS

ACD – Antônio Coelho Dantas

APA – Área de Proteção Ambiental

CBRO – Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos

CETAS – Centros de Triagem de Animais Silvestres

CE – Ceará

EEEFM – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IUCN – União Internacional para a Conservação da Natureza

MMA – Ministério do Meio Ambiente

PAN – Plano de Ação Nacional

PB – Paraíba

PROEMI – Programa Ensino Médio Inovador

RENTAS – Relatório da Rede Nacional Contra o Tráfico de Animais Silvestres

SEMA – Secretária Especial do Meio Ambiente

SisFauna – Sistema Nacional de Gestão da Fauna

SUDEPE – Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca

SUDHEVEA – Superintendência da Borracha

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

	Pág.
1. Introdução	15
2. Objetivos	18
2.1 Objetivo geral	18
2.2 Objetivos específicos	18
3. Fundamentação Teórica.....	19
3.1 Caatinga: flora e fauna	19
3.2 Etnozoologia	22
3.3 Atividade cinegética	24
3.4 Fauna silvestre e tráfico ilegal	29
4. Metodologia.....	35
4.1 População e Amostra	35
4.2 Coleta de dados etnozoológicos	37
4.3 Análise dos dados	38
5. Resultados e discussão	39
5.1 Aspectos demográficos, sociais e econômicos	39
5.2 Considerações sobre a atividade cinegética	43
5.2.1 Comércio dos produtos da caça.....	46
5.3 Comentários sobre as técnicas e tecnologias de captura e caça	53
6. Considerações finais.....	59
Referências Bibliográficas	61
Apêndice A.....	68
Apêndice B.....	71

1. Introdução

A Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, é formada por diferentes fisionomias, sendo estas compostas por uma vegetação arbustiva xerófila e decídua que se estendem por 734.478 km² do território brasileiro, abrangendo áreas dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e norte de Minas Gerais (Ab'Saber, 1977, IBGE 1985). Segundo Leal *et al.* (2005) a Caatinga é limitada a leste pela Mata Atlântica, a oeste pela floresta Amazônica, e ao sul pelo Cerrado. É o terceiro maior ecossistema brasileiro, representando 70% da região nordeste e 11% do território nacional (PEREIRA & JUNIOR, 2011), sendo um dos biomas brasileiros mais negligenciados em termos de esforços para sua conservação, o que acaba refletindo na baixa quantidade de estudos realizados no local. Só para se ter uma ideia do descaso com esse ecossistema, resta apenas pouco mais de 50% de sua vegetação original e, cerca de 43% do mesmo nunca foi estudado. Segundo Alves, Gonçalves & Vieira (2012) a biodiversidade do bioma Caatinga tem sido constantemente usada de maneira inadequada, isso pode ser percebido quando chegamos ao ponto em que cerca de 41 espécies da fauna já se encontram ameaçadas de extinção e o processo de desertificação afeta aproximadamente 15% do bioma.

As relações que os seres humanos acabaram estabelecendo com os animais ocorrem desde a antiguidade, entre essas interações se destaca a caça, uma das atividades mais antigas que se tem conhecimento (ALVES & SOUTO, 2010a). O estudo dessas relações dos seres humanos com os animais, abordando a variedade de interações que as culturas humanas sempre mantiveram e mantém com os animais, integra o campo de pesquisa da etnozologia, ciência que certamente tem raízes bem antigas, se considerarmos que a relação homem/animais é muito antiga (ALVES & SOUTO, 2010a). Estudos sobre atividades cinegéticas e conservação de espécies são frequentemente abordados pela etnozologia. Entretanto, embora no Brasil os recursos da fauna silvestre sejam bastante utilizados pela população local, as pesquisas etnozoológicas ainda são bastante escassas no país, muito embora venham crescendo de forma bastante significativa nos

últimos anos (GONÇALVES, 2012). Segundo Fragoso, Delgado & Lopes (2011) a maioria das pesquisas e dos estudos que são realizados sobre a atividade de caça de animais silvestres limita-se ao estado da Amazônia. Uma vez que os estudos ainda são escassos, fica difícil de traçar estratégias de conservação das espécies mais utilizadas pelas populações locais.

Na Caatinga a atividade de caça acontece desde épocas passadas e, algumas vezes é uma atividade de subsistência que faz parte da cultura das pessoas que habitam essa região, muitas vezes é passada de pais para filhos (ALVES *et al.*, 2010). O conhecimento sobre a caça se perpetua entre os mais jovens, pois estes aprendem com seus pais e repassam para seus filhos, embora sejam também muito frequentes os ensinamentos entre amigos. Muitos dos jovens de hoje caçam apenas por esporte, principalmente os da zona urbana, uma vez que os mesmos não necessitam da carne de caça para subsistência. Porém em algumas áreas essa atividade continua sendo de extrema importância para a subsistência de algumas populações, principalmente as mais carentes. Seja por esporte ou por subsistência, a caça vem contribuindo em maior ou em menor escala para a diminuição da fauna em várias regiões (OLIVEIRA, 2011). Segundo Alves *et al.* (2010) os principais animais cinegéticos da Caatinga são as aves e os mamíferos, sendo os répteis usados com menor frequência.

O tráfico de animais silvestres no Brasil é responsável pelo desaparecimento de aproximadamente 12 milhões de espécimes por ano, sendo que desse total, 30%, em média, foram enviados ao exterior (SOUZA & SOARES FILHO, 2005). As aves, devido sua beleza física (plumagem) e vocalização, representam uma parcela muito grande no tráfico ilegal de animais, sendo abundante sua criação em cativeiro (SOUZA & SOARES FILHO, 2005), não só na zona rural e nas pequenas cidades do interior, como também nos grandes centros urbanos (em menor quantidade, devido às constantes fiscalizações). O tráfico movimentava, no Brasil, cerca de R\$ 700 milhões (animais exportados e comercializados internamente) (SOUZA & SOARES FILHO, 2005). O tráfico causa um grande desequilíbrio ambiental, sendo a segunda principal causa de diminuição das populações de várias espécies nativas, perdendo apenas para o desmatamento; lembrando que a

diminuição das populações pode levar a extinções das espécies, quebra das cadeias e teias alimentares, diminuição dos processos reprodutivos, entre outros (SOUZA & SOARES FILHO, 2005).

Diante deste cenário considera-se que a realização deste trabalho sobre a caça e uso da fauna cinegética é bastante oportuna e de suma importância, por se tratar de um tema bastante atual, embora o problema de captura de animais já venha acontecendo há bastante tempo, porém ultimamente observamos que as pessoas estão cada vez mais capturando animais silvestres apenas por esporte ou para abastecer o comércio ilegal. A realização deste trabalho pode ajudar a traçar metas para a conservação de várias espécies, livrando-as da extinção.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

Compreender o atual cenário de ocorrência de atividades de caça e uso da fauna cinegética entre estudantes de ensino médio e EJA do município de Nova Palmeira-PB.

2.2 Objetivos específicos

- Analisar os aspectos socioeconômicos dos entrevistados;
- Determinar a frequência predominante de execução de práticas de caça;
- Identificar o nível de ocorrência de atividades cinegéticas entre estudantes do ensino médio e EJA de uma escola da rede pública de ensino;
- Verificar a incidência da comercialização de animais cinegéticos;
- Determinar as técnicas/estratégias preferenciais de caça usadas pelos entrevistados;
- identificar quais espécies cinegéticas preferenciais são exploradas.

3. Fundamentação Teórica

3.1 Caatinga: flora e fauna

A etimologia da palavra Caatinga é de origem tupi, e quer dizer "mata branca", "mata rala" ou "mata espinhenta"; essa denominação refere-se ao aspecto da vegetação durante a época de seca, quando a vegetação fica esbranquiçada, quase sem folha (BARBOZA, 2009).

A Caatinga é um bioma que apresenta uma grande biodiversidade de plantas (flora), sendo encontrada mais de mil espécies, dentre as quais 900 são vasculares, sendo 380 endêmicas, uma prova disso é que aqui são encontradas as seguintes espécies: *Amburana cearensis* (umburana), *Anadenanthera colubrina* (angico), *Melocactus bahiensis* (coroa-de-frade), *Pilosocereus squamosus* (facheiro), *Cnidoscylus phyllacanthus* (faveleira), *Mimosa nigra* (jurema preta), *Bromelia laciniosa* (macambira), *Cereus jamacaru* (mandacaru), *Croton sincorensis* (marmeleiro), *Combretum leprosum* (mofumbo), *Jatropha pohliana* (pinhão), *Pilosocereus gounellei* (xique-xique), *Aspidosperma pyrifolium* (pau-pereiro), *Caesalpinia pyramidalis* (catingueira), *Myracrodruon urundeuva* (aroeira), *Schinopsis brasiliensis* (baraúna) (BARBOZA, 2009), entre outras; lembrando que a aroeira e a baraúna são espécies que estão ameaçadas de extinção. Com a destruição de algumas dessas espécies vegetais, seja por meio de queimadas ou desmatamento, muitas espécies animais que dependem delas para alimentação ou reprodução acabam ficando prejudicadas devido ao que chamamos de perda de hábitat.

Porém esse bioma também é rico em biodiversidade faunística, sendo encontradas 167 espécies de répteis e anfíbios, 510 espécies de aves e 150 de mamíferos, dessas, pelo menos 10 são endêmicas (BARBOZA, 2009). Essas espécies são exploradas pelos habitantes locais de várias formas, das quais se destacam alimentação, uso medicinal ou religioso, comércio e criação em cativeiro, no caso dos animais, principalmente as aves. Dentre os mamíferos encontrados na Caatinga podemos citar a preguiça comum - *Bradypus variegatus* (Schinz, 1825), o tamanduá-bandeira - *Myrmecophaga tridactyla* (Linnaeus, 1758), o tamanduá-mirim - *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758),

o tatu-bola - *Tolypeutes tricinctus* (Linnaeus, 1758), o tatu-de-rabo-mole – *Cabassous tatouay* (Desmarest, 1804), o tatu-de-rabo-mole - *Cabassous unicinctus* (Linnaeus, 1758), o tatu-verdadeiro - *Dasypus novemcinctus* (Linnaeus, 1758), o tatu-mirim *Dasypus septemcinctus* (Linnaeus, 1758) e o tatu-peba - *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758) (Barboza, 2009); dentre essas espécies todas são capturadas e utilizadas para consumo humano por caçadores e suas famílias. É importante ressaltar aqui que o tatu-bola - *T. tricinctus* é uma espécie que está ameaçada de extinção (devido à perda de hábitat e principalmente a caça) e seu nome consta no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Essa espécie de tatu é endêmica do Brasil, sendo encontrado apenas na Caatinga e no Cerrado brasileiro; é facilmente reconhecido pela sua capacidade de se defender fechando-se na forma de uma bola (o que justifica seu nome) fechado dessa forma ele consegue proteger suas partes moles do corpo no interior de sua carapaça rígida. Uma das características que o distingue das demais espécies de tatus é que o mesmo não consegue cavar buracos no solo (CHIARELLO *et al.*, 2008). Os tatus que apresentam uma maior distribuição na Caatinga são: tatu-peba (*E. sexcinctus*) e tatu-verdadeiro (*D. novemcinctus*), estes são também os animais mais caçados na região do semiárido nordestino (BARBOZA, 2009).

Com relação à riqueza da avifauna, dentre as 510 espécies, podemos citar: o periquito da caatinga - *Eupsittula cactorum* (Kuhl, 1820), galo-de-campina - *Paroaria dominicana* (Linnaeus, 1758); concriz, conhecido em outras regiões como corrupeção - *Icterus jamacaii* (Gmelin, 1788), azulão - *Cyanoloxia brissonii* (Lichtenstein, 1823), anu-branco - *Guira guira* (Gmelin, 1788), anumará - *Curaeus forbesi* (Sclater, 1886), e anambé-de-asa-branca - *Xipholena atropurpurea* (Wied, 1820). O *E. cactorum* é um psitacídeo encontrado no Cerrado e na Caatinga, sendo endêmica do nordeste do Brasil, apresenta cabeça e corpo verde, sendo o peito alaranjado. Essa ave é muito capturada para ser criada em cativeiro, porém ainda não está ameaçada de extinção, tendo uma ampla distribuição na Caatinga. Uma característica marcante dessa espécie é que faz seus ninhos em cupinzeiros. Segundo Barros & Machado (2000), a espécie se alimenta de diferentes espécies vegetais. O *P. dominicana* é um thraupidae, apresenta ampla distribuição na

região Nordeste, com uma plumagem vermelha na cabeça e corpo cinza - é uma belíssima ave. Não há dimorfismo sexual, porém os filhotes apresentam a coloração da cabeça alaranjada; não está ameaçada de extinção, no entanto em algumas localidades é difícil de ser encontrado, uma vez que é bastante capturado pra ser criado em gaiolas. O *I. jamacaii* é um icteridae encontrado exclusivamente no Brasil, ocorre no Nordeste, Centro-oeste e Sudeste; é uma das aves mais lindas (coloração amarela e preta) e que apresenta um dos mais belos cantos, por esta razão é frequentemente capturada pra ser criada em cativeiro, entretanto não está ameaçada (Wiki aves, acesso em 13/01/14).

O hábito de consumir aves ou criá-las em cativeiro praticamente extinguiu espécies como a graúna - *Gnorimopsar chopi* (Vieillot, 1819) que é encontrada em quase todo o país, mas que em algumas regiões está praticamente extinta por ser muito caçada e cobiçada. O canário-da-terra-verdadeiro - *Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766) (BEZERRA, ARAUJO & ALVES 2011), além do periquito-de-cara-suja - *Pyrrhura griseipectus* (Salvadori, 1900), psitacídeo criticamente ameaçado, só existe, atualmente, em duas subpopulações conhecidas na Serra do Baturité e Quixadá, no Ceará. A espécie sofreu um declínio histórico continuado e atualmente estima-se que existam apenas entre 50 e 249 indivíduos maduros na natureza. Apesar de um casal gerar até sete filhotes por estação reprodutiva, bandos inteiros são capturados nos ninhos construídos em ocos para abastecer as feiras cearenses de animais silvestres. A perda e descaracterização do habitat também são ameaças à espécie, principalmente em relação à disponibilidade de ninhos (ICMBio, 2012). Jacucaca - *Penelope jacucaca* (Spix, 1825), arara-azul-de-lear - *Anodorhynchus leari* (Bonaparte, 1857), ararinha azul - *Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832) é um psitacídeo de tamanho médio que já foi extinto na natureza. O declínio da espécie se deu pela destruição de seu habitat e pela captura para abastecer o comércio ilegal. O soldadinho-do-araripe - *Antilophia bokermanni* (Coelho & Silva, 1998) mede cerca de 15 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual, sendo o macho branco, amarelo e vermelho e a fêmea de cor verde oliva, e os jovens semelhantes as fêmeas. A ocorrência da espécie é restrita a Chapada do Araripe. O pintasilgo-do-nordeste - *Sporagra yarrellii* (Audubon, 1839) é um fringillidae que

apresenta coloração amarela e preta, sendo que a fêmea não apresenta cor preta na cabeça. São aves granívoras e quanto a reprodução atinge maturidade sexual aos dez meses, as fêmeas colocam entre três e cinco ovos e os filhotes nascem após treze dias. Esta espécie está vulnerável a extinção (Wiki aves, acesso em 13/01/14).

A avifauna da Caatinga não é um elemento isolado, mas sim uma das inúmeras partes que compõem este suscetível e diverso mosaico biológico que se relaciona entre si, com o homem e com o ambiente. É responsabilidade do Governo Brasileiro, por intermédio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), desenvolver estratégias para conhecer e proteger esta riqueza, além de recuperar aquelas ameaçadas de extinção, por meio de medidas como a elaboração e execução de planos de ação, conforme estabelecido pela Portaria ICMBio nº 78/2009 e pela Portaria Conjunta MMA e ICMBio nº 316/2009. Deste modo, o Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga ameaçadas de extinção (PAN Aves da Caatinga) é um marco na conservação da avifauna deste bioma, pois estabelece metas e ações prioritárias que visam minimizar as ameaças às comunidades de aves da Caatinga (ICMBio, 2012).

3.2 Etnozoologia

Segundo Oliveira (2011), o conhecimento e os conceitos desenvolvidos pelas sociedades na área da biologia são estudados pela etnobiologia, que é essencialmente o estudo do conhecimento e, das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da Biologia (RAZERA, BOCCARDO & PEREIRA, 2006). A etnobiologia apresenta um campo de estudo misto, unindo conhecimentos das ciências sociais e naturais.

Segundo Clément (1998), a etnobiologia é dividida historicamente em três períodos: pré-clássico, clássico e pós-clássico. Na fase pré-clássica foi quando surgiram os primeiros trabalhos (por volta de 1860), nessa época os estudos estavam focados principalmente na coleta de informações sobre o uso dos recursos naturais (OLIVEIRA, 2011; GONÇALVES, 2012). A fase clássica

(década 1950) foi marcada pela tese de doutorado do antropólogo Harald Conklin, onde o mesmo abordava o sistema de classificação e nomenclatura de plantas; nesse período foram realizados muitos trabalhos de caráter linguístico e de classificação etnobiológica (OLIVEIRA, 2011). A fase pós-clássica (1980 até os dias atuais) nesse período houve uma maior interação entre os povos tradicionais e os cientistas/pesquisadores, nessa fase a ênfase foi dada ao manejo usado pelas sociedades para aproveitar os recursos biológicos, entre esses processos podemos citar a domesticação de animais (GONÇALVES, 2012). Foi nesse período que passaram a existir as sociedades acadêmicas e periódicos especializados (ALVES & SOUTO, 2010a). Desde então, as pesquisas etnobiológicas vêm ganhando cada vez mais atenção, principalmente pesquisas sobre o conhecimento tradicional de povos indígenas (ALVES TELES *et al.*, 2013) e de comunidades locais do semiárido nordestino. Na atualidade, dentre as várias áreas de subdivisão da etnobiologia a etnobotânica e a etnozootologia são as que concentram um maior contingente de estudos.

Com relação à etnozootologia, esta dedica-se ao estudo da relação que as diferentes culturas humanas mantêm com a fauna, sendo uma importante ferramenta para interpretar e estudar as interações homem/animal (ALVES TELES *et al.*, 2013). O termo etnozootologia apareceu pela primeira vez nos Estados Unidos no ano de 1899, tendo sido cunhado pelo pesquisador Mason (GONÇALVES, 2012).

O primeiro estudo publicado na área da etnozootologia foi de Stearns no ano de 1889, onde o mesmo estudou o uso primitivo de conchas como moedas (ALVES & SOUTO, 2010a). No Brasil, o primeiro trabalho nesta perspectiva foi publicado no ano de 1939 (ALVES & SOUTO, 2010a).

Ultimamente, os estudiosos da etnozootologia vêm realizando trabalhos de pesquisa em áreas como: percepção cultural e sistemas de classificação etnozoológicos; importância e presença dos animais nos contos mitos e crenças; aspectos biológicos e culturais da utilização dos animais pelas sociedades humanas, como por exemplo, a extração de substâncias orgânicas para diversos fins; domesticação; heterogeneidade biológica e técnicas de

coleta, etc. (ALVES & SOUTO, 2010a). De acordo com Alves & Souto (2010a) dentre estas possibilidades de estudo da etnozootologia, a zooterapia (estudo do uso de animais ou partes deles para fins medicinais) é apontada como a mais representativa em termos de volume de publicação no Brasil.

A etnozootologia pode estudar sociedades urbanas ou rurais, havendo uma grande concentração de trabalhos desenvolvidos até hoje em áreas rurais. Quando as pesquisas são realizadas na zona urbana, os mercados públicos são ambientes excelentes, pois são nesses locais onde são comercializados animais (vivos ou mortos, silvestres ou domésticos), bem como vários produtos de origem animal; por tanto não é à toa que a maioria dos trabalhos urbanos são realizados em mercados ou em escolas (ALVES & SOUTO, 2010a).

Uma pesquisa etnozoológica realizada com estudantes indígenas da tribo Tupinambá de Olivença mostra que boa parte do conhecimento que os mesmos têm sobre os animais foram passados de pais para filhos e, apenas uma pequena parcela eles aprenderam na escola, a pesquisa mostra ainda que a maioria dos estudantes percebem os animais como seres de estimação (RAZERA, BOCCARDO & PEREIRA, 2006). Porém há certa ausência de trabalhos etnozoológicos que abrangem esse público-alvo: os estudantes; por isso não sabemos ao certo as concepções simbólicas e os conhecimentos inerentes à fauna que os mesmos possuem (ARAÚJO, KRAEMER & MURTA, 2011).

3.3 Atividade cinegética

A caça, também conhecida como atividade cinegética, é a extração de qualquer animal selvagem do seu meio natural, de qualquer forma e para qualquer finalidade (GONÇALVES, 2012). A atividade de captura de recursos faunísticos, seja aqui na Caatinga, ou em qualquer lugar do Brasil, emprega diversas técnicas e estratégias, principalmente em práticas cinegéticas. Os produtos derivados dessas atividades de caça são utilizados principalmente para fins alimentares, entretanto o número de pessoas que capturam animais

(principalmente aves) para a comercialização clandestina ou criação em cativeiro também é muito grande.

No Brasil, animais vêm sendo usados principalmente por sociedades indígenas, ao longo dos tempos, no Estado da Amazônia, por exemplo, a atividade de caça é bastante desenvolvida, muitas vezes o alimento proveniente dessa atividade é uma das poucas fontes de proteínas e gordura animal disponível (GONÇALVES, 2012). Segundo Neto (2009) povos da Amazônia brasileira têm um consumo diário de cerca de 75,5 toneladas de carne de animais silvestres por dia, atendendo a 149.000 caçadores de subsistência, o que mostra a importância da carne de caça para esses povos e, ao mesmo tempo mostra o risco que esses animais silvestres estão sofrendo. Atividade de caça também ocorre com frequência na região do Seridó paraibano, mesmo sendo considerada uma atividade ilegal. Sendo a caça de subsistência uma atividade antiga e que representa uma forma tradicional de manejo da fauna silvestre. Sem falar que existem algumas espécies que são perseguidas e mortas por representarem riscos à saúde das pessoas ou das criações domésticas (por exemplo, serpentes peçonhentas e mamíferos carnívoros) ou ainda por causarem prejuízos aos agricultores (por exemplo, aves granívoras e roedores que se alimentam de produto de plantações) (BEZERRA, ARAUJO & ALVES 2012).

Na região do semiárido nordestino o processo de caça e abate da fauna cinegética pode ocorrer por meio de várias técnicas, que podem ser ativas (quando a presença do caçador é obrigatória), como passivas (quando são utilizadas apenas armadilhas), sendo a caça com cães (*Canis lupus familiaris*) uma atividade muito antiga e que é uma das técnicas atuais mais utilizadas; as espécies abatidas pelos cães nem sempre são destinadas ao consumo, por exemplo, a onça vermelha (*Puma concolor*) e o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) são abatidos como forma de controle, pois ambos representam um perigo para os cães e para os caçadores (NETO *et al.*, 2012). Esse tipo de caça acontece geralmente durante a noite e serve para capturar mamíferos de médio porte, durante o dia algumas vezes os cães são utilizados pra a captura do lambu (*Criptideilus sp.*), para realizar a captura dessa ave os caçadores treinam os cães com uma bola de tecido recoberta com as penas da mesma

(ALVES *et al.*, 2010). Talvez os filhotes de lobos (*Canis lupus*), cujos pais foram mortos por caçadores, tenham sido domesticados, dando origem ao cão, uma subespécie do lobo, os cães têm sido quase sempre utilizados para auxiliar nas atividades de caça devido seu olfato (ALVES & SOUTO, 2010a). Assim como a captura e morte dos lobos adultos permitiu aos povos antigos domesticarem seus filhotes, o mesmo deve ter ocorrido com relação à domesticação de outros animais que apresentam algum valor utilitário, como fornecimento de carne, leite e peles, por exemplo, (ALVES & SOUTO, 2010a).

As atividades cinegéticas podem ser praticadas por adultos ou por crianças, na infância a atividade geralmente é praticada com o uso da balinheira, conhecida também como estilingue ou por meio de armadilhas, nessa fase os animais mais capturados geralmente são aves para serem criados como animais de estimação ou répteis para consumo próprio e da família (ALVES *et al.*, 2010). Ainda segundo Alves *et al.* (2010) as técnicas ativas de caça são as seguintes: espera, arremedo, caça de perseguição com o uso de cães, rastreamento, facheado, e caça de tatus com gás ou por afogamento; as técnicas passivas: anzóis, quixó, arataca, gaiola para tatus, arapuca, alçapão, sangra, fojo, visgo, gaiolas para carnívoros e laço. Répteis são capturados com menos frequência que ave e mamíferos, porém para capturá-los pode ser usado o anzol, o mesmo é preso no ramo de uma árvore e nele é colocada uma isca, quando o animal vai comer a isca fica preso, répteis podem também ser capturados com a utilização de aratacas (ALVES *et al.*, 2010).

Para Bezerra, Araujo & Alves (2011) um dos maiores desafios para a preservação dos animais silvestres na Caatinga é a falta de políticas que incentivem o desenvolvimento sustentável, o que tem colaborado para a concentração das desigualdades sociais, dificultando assim a integração da conservação do meio ambiente com as necessidades dos seres humanos. Os efeitos da caça provocaram uma diminuição na densidade de algumas espécies de mamíferos, em comparação com áreas não afetadas por essa atividade (FRAGOSO, DELGADO & LOPES, 2011). A atividade cinegética de subsistência, quando é manejada de forma correta pode estar dentro de um programa de conservação dos recursos faunísticos, de tal maneira que pode

ser conciliada com as necessidades humanas e os recursos naturais podem ser protegidos, com a proteção desses recursos as pessoas que dependem da fauna silvestre local como meio de sobrevivência (GONÇALVES, 2012) podem ser beneficiadas, uma vez que os recursos não se esgotarão. Em algumas localidades, a caça de subsistência é necessária para que a demanda de proteína animal daquela população seja atendida, sendo assim indispensável à sobrevivência, por tanto quando outras pessoas resolvem caçar e retirar grande quantidade de animais silvestres daquele local (muitas vezes para abastecer o comércio ilegal) acaba prejudicando a população local e desenvolvendo a atividade de forma predatória e não de forma sustentável (NETO, 2009).

Segundo a Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, a definição do termo uso sustentável é:

Exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável.

Os animais, silvestres ou domésticos, devem ser respeitados, e não devem de forma alguma seres abatidos sem necessidade. Um dos maiores problemas enfrentados pelos animais cinegéticos é a mentalidade do homem e sua ideia da abundância infinita da fauna (NETO, 2009).

O fato uma determinada população desenvolver a atividade de caça implica na necessidade de um conhecimento sobre os aspectos ecológicos locais, bem como sobre a ecologia dos animais explorados, esse conhecimento acaba sendo um dos fatores mais importantes para que possa ser traçado um plano futuro de manejo e conservação das espécies mais exploradas, evitando assim que as mesmas sejam extintas (BARBOZA, 2009). O conhecimento tradicional detalhado a respeito dos animais a serem caçados é importante para o desenvolvimento de estratégias de caça e elaboração de armadilhas (GONÇALVES, 2012). Na Caatinga a atividade de caça está voltada para a alimentação, eliminação de animais predadores (que podem oferecer perigo ao

homem), criação doméstica, comércio, lazer, animais de estimação, medicina popular (geralmente produtos fabricados com partes do animal) e para fins mágico-religiosos (OLIVEIRA, 2011).

Com relação às aves, as mesmas são utilizadas para lazer, companhia e ornamentação, principalmente os pássaros canoros, sendo que na região é muito comum o hábito de se criar essas aves em gaiolas (NÓBREGA, 2011). Devido ao contexto cultural e socioeconômico da região do semiárido brasileiro, apesar de ser uma prática ilegal, o uso de aves silvestres é muito difundida, por este motivo e, em conjunto com outras ameaças, a avifauna vem sofrendo um acentuado declínio (BEZERRA, ARAUJO & ALVES, 2012). A forma como as aves são capturadas pode representar o nível de pressão exercida sobre elas, assim sendo, pesquisas sobre as estratégias de caça são importantes para obtenção do conhecimento das técnicas, que podem apresentar variações em relação à eficiência e ao grau de impacto sobre as populações exploradas (BEZERRA, ARAUJO & ALVES, 2011). As aves são capturadas por meio de algumas técnicas, onde o arremedo é uma delas, por meio desta o caçador atrai a ave pela emissão de sons, essa técnica é usada principalmente no período de reprodução; o facheado também é muito utilizado, os caçadores saem à noite e surpreendem as aves nos ninhos com o uso de lanternas, onde as mesmas são capturadas, os principais alvos são as aves canoras, como o azulão (*C. brissonii*), por exemplo, que geralmente são capturadas para serem criadas como animais de estimação ou para serem comercializados; outra técnica muito utilizada e que serve somente para a captura de aves é o visgo, a mesma consiste na colocação de uma substância viscosa no tronco de algumas árvores, quando a ave pousa no local a mesma fica grudada e deve ser retirada imediatamente para evitar que ela morra; pode ser usada ainda a arapuca, armadilha feita de varetas e barbante, o caçador arma a arapuca e coloca algum alimento como isca para atrair o animal, quando o animal toca a isca à vareta de suporte cai e a armadilha cai por cima do animal que fica preso; pode ser usado também o alçapão, o qual consiste em uma gaiola com diversos compartimentos, em um dos compartimentos (geralmente o central) é colocado um pássaro que canta muito ou uma fêmea, a armadilha então é levada a campo para estimular o pássaro a cantar e atrair atenção de outros

pássaros que vêm brigar por território ou vem atraído pela fêmea e acaba preso (ALVES *et al.*, 2010).

Um dos primeiros instrumentos legais para regularização da caça foi à lei 5.197, de 3 de janeiro de 1967, chamada de Lei de Proteção à Fauna, essa lei proibiu o comércio de espécies da fauna silvestre, com isso acabou cortando o elo entre a caça e o consumo, no entanto a lei não vem sendo cumprida (NEGREIROS, SILVA & LIMA, 2011). A partir deste momento começa então o tráfico da fauna silvestre, pois a partir dessa lei o comércio passa a ser crime, atividade clandestina, uma vez que antes o comércio não era proibido (PADRONE, 2004).

Através de seu artigo primeiro, a Lei de Proteção à Fauna, diz:

Art. 1º Os animais de quaisquer espécies, em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais são propriedades do Estado, sendo proibida a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha.

Mesmo sendo “propriedade do Estado”, como citado acima, o poder público não pode fazer uso da fauna silvestre, é simplesmente para fins de proteção dos mesmos (STIFELMAN, 2002). Em 1998 foi criada a Lei de Crimes Ambientais (Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro), esta apresenta penas uniformes e as infrações são claramente definidas, segundo esta lei, matar animal silvestre para saciar a fome não é considerado crime.

3.4 Fauna silvestre e tráfico ilegal

O Brasil está entre os três países com a maior biodiversidade do mundo, sendo o terceiro país em riqueza de aves, perdendo apenas para a Colômbia e o Peru, e é também um dos países mais ricos em diversidade de mamíferos (LADEIA & FENNER, 2010). No entanto, é o segundo país com mais aves ameaçadas de extinção, perdendo apenas para a Indonésia e o quarto que mais ameaça os mamíferos (MAGALHÃES, 2002), a principal ameaça para as

aves silvestres no Brasil é a fragmentação e perda de seus habitats e a captura excessiva para alimentar o tráfico ilegal (SANTOS *et al.*, 2009).

Segundo a portaria nº 118 de 1997 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos naturais (IBAMA) *apud* Negreiros, Silva e Lima (2011, p.2), fauna silvestre:

São todos aqueles animais pertencentes às espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, aquáticas ou terrestres, reproduzidos ou não em cativeiro, que tenham seu ciclo biológico ou parte dele ocorrendo naturalmente dentro dos limites do Território Brasileiro e suas águas jurisdicionais.

Segundo Stifelman (2002, p.2):

Os crimes contra a fauna estão previstos nos arts. 29 a 35 da Lei 9.605/98, sendo que estes revogaram parcialmente a Lei 5.179/67, pois todos os dispositivos da Lei de Proteção à Fauna que não foram tacitamente revogados pela Lei 9.605/98 continuam em vigor.

Em meio aos inúmeros problemas de ordem socioambiental, o comércio ilegal de animais silvestres é considerado hoje como uma atividade que prejudica o meio ambiente devido à alta importância ecológica dos mesmos (BARBOSA, NÓBREGA & ALVES, 2010). Calcula-se que o tráfico de animais silvestres retire, por ano, cerca de 12 milhões de animais de nossas florestas, sendo uma das atividades ilícitas mais lucrativas (NEGREIROS, SILVA & LIMA, 2011), perdendo apenas para o tráfico de armas e de drogas (OLIVEIRA, 2011). Ainda segundo este autor, as pessoas que se envolvem com o tráfico de animais silvestres o fazem por ignorância ou por necessidade, pois muitas vezes essas pessoas vivem em condições precárias, na miséria e vêm no comércio ilegal uma maneira fácil de obter lucro. Para realização do comércio ilegal os animais são transportados, na maioria das vezes, amontoados em jaulas e em gaiolas, sem água e sem alimento, o que os deixa bastante estressados e por isso muitos acabam brigando e machucando uns aos outros,

para que isso não ocorra muitos animais são dopados pelos traficantes para serem transportados e podem até morrer (PADRONE, 2004). O tráfico de animais silvestres ameaça a fauna provocando o desaparecimento definitivo de espécies raras, além de causar desequilíbrios ecológicos nos ecossistemas (MAGALHÃES, 2002).

Segundo o Relatório da Rede Nacional Contra o Tráfico de Animais Silvestres (RENTAS, 2001 *apud* Padrone, 2004), o comércio ilegal de animais silvestres está dividido da seguinte maneira: apanhadores ou coletores (índios, lavradores e ribeirinhos), distribuidores (barqueiros, motoristas de caminhões e de ônibus e pilotos de aviões de pequeno porte), comerciantes (feirantes e donos de pet shops) e consumidores (zoológicos, criadores, circos e a população em geral). Segundo Ladeia & Fenner (2010), os criadores particulares e zoológicos priorizam as espécies mais ameaçadas de extinção, por isso são considerados os consumidores mais cruéis. Estes mesmos autores citam também a Biopirataria (animais para fins científicos), aonde pesquisadores estrangeiros vêm até o Brasil, capturam animais da nossa fauna e extraem substâncias químicas e biológicas para a produção de fármacos e depois fica com todo o lucro, o Brasil além de perder a biodiversidade com esse tipo de tráfico, ainda deixa de lucrar.

O Art. 29 da Lei de Crimes Ambientais (Lei Federal 9605/98) diz:

Está sujeito à detenção de seis meses a dois anos e multa, aquele que matar, perseguir, apanhar ou utilizar espécies da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem permissão das autoridades competentes. Podem sofrer as mesmas penalidades, aquele que comercializa, expõe à venda, adquire, exporta, guarda em cativeiro ou transporta. A pena pode ser acrescida em até 50% se as espécies envolvidas estiverem em listas de animais ameaçados de extinção.

Com relação à fiscalização do comércio ilegal, a mesma é feita por órgãos municipais, estaduais e federais, de maneira direta ou indireta, porém o principal órgão responsável pela fiscalização é o IBAMA (SOUZA & SOARES

FILHO, 2005) agência ambiental subordinada ao Ministério de Meio Ambiente brasileiro, criado pela lei nº 7735 de 22 de fevereiro de 1989, o mesmo foi formado pela junção do SEMA (Secretaria Especial do Meio Ambiente), SUDHEVEA (Superintendência da Borracha), SUDEPE (Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca) e IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) entidades brasileiras que trabalhavam na área ambiental (PADRONE, 2004). Ainda segundo este autor, é constante a apreensão de animais por órgãos de fiscalização, principalmente em feiras livres, nesses locais quase sempre são encontrados animais mortos que não resistiram aos maus tratos e as condições precárias de vida a que foram submetidos. O tráfico não é apenas crime, mas é também uma prática devastadora e muito cruel, uma vez que a taxa de mortalidade dos animais traficados é muito grande. O comércio de aves silvestres pode ser permitido pela Instrução Normativa IBAMA nº 169/2008, através de documentação que é emitida pelo Sistema Nacional de Gestão de Fauna (SisFauna), no entanto é muita burocracia e é necessário um bom investimento financeiro, o que acaba por elevar bastante o preço dos animais fornecidos de forma legal, fator que acaba por favorecer o comércio clandestino (FERREIRA *et al.*, 2010).

Devido a sua ampla distribuição geográfica grande diversidade e abundância e, principalmente por sua beleza e canto, as aves estão entre os animais mais traficados (82%), pois são destinados a colecionadores particulares, lojas de animais, feiras livres e até mesmo ao comércio exterior (BARBOSA, NÓBREGA & ALVES, 2010). Entre as aves mais traficadas dentro e fora do país podemos citar os papagaios (psitacídeos), com destaque para o papagaio-de-peito-roxo *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820) (PADRONE, 2004). A captura excessiva de aves pode resultar na eliminação de espécies dispersoras de sementes e polinizadores importantes, além de desequilibrar cadeias alimentares (FERREIRA *et al.*, 2010), além dos Passeriformes que apresentam muitas habilidades canoras e são capazes de se tornarem animais de estimação (PAIXÃO *et al.*, 2013). Ainda segundo este autor, existem duas categorias de comerciantes de aves: passarinheiros e traficantes, os primeiros comercializam poucas aves, de diferentes espécies, em gaiolas individuais, onde a ave até tem um mínimo de conforto, e já está acostumado no cativeiro;

enquanto que os segundos comercializam um número muito grande de espécies e muitos indivíduos de uma mesma espécie, recém capturados e amontoados em pequenas caixas de madeira e, até mesmo em sacolas plásticas.

Com relação aos mamíferos, poucos são traficados (apena1%) se compararmos com outros animais, muitas espécies têm suas peles e couros utilizados na indústria da moda para a fabricação de bolsas, sapatos e casacos, assim como os répteis (3%), além se serem procurados para criação em cativeiro (LADEIA & FENNER, 2010).

As ações de combate ao tráfico de animais silvestres no bioma Caatinga e em todo o território brasileiro não é totalmente eficiente devido às dificuldades operacionais e a baixa severidade das penalidades previstas na legislação ambiental (BARBOSA, NÓBREGA & ALVES, 2010). Uma das justificativas para a pouca atuação das autoridades, é o fato de que os animais silvestres são comercializados em feiras, principalmente aos finais de semana, quando não há expediente (FERREIRA *et al.*, 2010).

Os principais países que fornecem animais para o tráfico são os países em desenvolvimento como Brasil (com maior parte dos animais provenientes da região Norte e Nordeste), Peru e Argentina, por exemplo, enquanto que os animais traficados são destinados a Europa, Ásia e América do Norte (LADEIA & FENNER, 2010). Segundo Magalhães (2002) a explicação para que o Brasil ocupe essa posição é a riqueza da biodiversidade, a questão econômica que é desfavorável a grande parcela da população e problemas na fiscalização; sendo que 70% dos animais capturados são comercializados no próprio país e o restante é exportado.

As consequências do tráfico de animais silvestres são muitas, entre elas podemos destacar os problemas de ordem sanitária, onde os animais envolvidos no tráfico podem estar infectados por alguma doença e quando entra sem controle em uma determinada região pode transmitir essas doenças para animais e também para os seres humanos; problemas sociais e econômicos, a fauna silvestre é de grande importância, pois pode atuar inclusive no controle biológico de pragas, dispensando assim inseticidas, além

do que o poder público precisa gastar grandes quantias para realizar a fiscalização e tentar combater o tráfico; ecológicas, pois o desaparecimento de algumas espécies pode causar a perda de várias interações, quebrando assim a dinâmica natural dos ecossistemas, sendo que a introdução de espécies exóticas é uma das maiores ameaças ao equilíbrio dos ecossistemas (LADEIA & FENNER, 2010).

Os animais apreendidos pelas fiscalizações devem ser levados a Centros de Triagem (CETAS) antes de serem soltos, pois lá recebem todos os cuidados necessários à sua saúde e ao seu bem-estar, no entanto existem poucos CETAS e nem todos estão em funcionamento, com isso muitos animais apreendidos acabam sendo levados para zoológicos, criadouros e instituições de pesquisas, todos autorizados pelo IBAMA (MAGALHÃES, 2002; LADEIA & FENNER, 2010). Segundo IBAMA (2007) *apud* Souza (2007), a maioria dos animais apreendidos são soltos, como previsto pela Lei n°. 9.605/98 e ratificada pelo Decreto n°. 3.179/99, porém a soltura deve ser ligada a programas de manejo das espécies, e o manejo deve ser aprovado pelo Departamento de Vida Silvestre do IBAMA.

4. Metodologia

4.1 População e Amostra

A instituição de ensino alvo da pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Coelho Dantas (ACD) (Figura 2), localizada na Rua Jorge Mendonça, s/n, no Centro do município de Nova Palmeira. A cidade supracitada apresenta uma população de aproximadamente 4.361 habitantes, sendo que 2.552 residem na zona urbana e 1.089 na zona rural, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (acesso em 02/01/14).

A instituição de ensino foi fundada através do projeto de Lei n.º 54/78 de 18 de Agosto de 1978 de autoria do Deputado Estadual, o senhor Evaldo Gonçalves de Queiroz, que na época a chamaria de Educandário Municipal Antônio Coelho Dantas, criado pela Lei Municipal n.º 13/77, publicado em seu Diário Oficial em 17 de fevereiro de 1977, baseado na Lei Federal n.º 5.699/71, que a partir daí passaria a ser de responsabilidade do município, que tinha como Prefeito o senhor Bento Coelho Pessoa, que por sua vez nomearia a senhora Marli Bezerra Moura, como primeira diretora. Ainda no ano de 1977, de acordo com o processo n.º 4.733/77, o então senhor prefeito da época solicita a abertura e o funcionamento da 2.ª fase do 1.º grau, tendo no ano de 1978 abertas matrículas para o ano letivo, em que inicialmente as aulas seriam ministradas provisoriamente no grupo escolar monsenhor Pedro Anísio, em 27 de fevereiro de 1978 com a implantação das 5.ª e 6.ª séries do ensino fundamental, sendo que as demais seriam implantadas progressivamente nos anos seguintes. Somente no ano de 1985, a escola passou a ser de responsabilidade do estado da qual se denominou de Escola Estadual de 1.º Grau Antônio Coelho Dantas. Em 2002, foi implantado o ensino médio. A escola dispõe de um espaço físico privilegiado e adequado para o seu funcionamento, bem como, de materiais, utensílios e equipamentos.

Atualmente a Antônio Coelho Dantas conta com sete turmas de ensino médio (1ªA e B; 2ªA e B; 3ªA e B e uma turma de EJA), onde as turmas “A” funcionam no turno diurno, em virtude de no ano de 2013 ter sido implantado na referida escola o PROEMI (Programa Ensino Médio Inovador), e as turmas

“B” e a turma de EJA funcionam no turno da noite. A Antônio Coelho atende ainda a duas turmas de 9º ano do ensino fundamental. Em 2013 a ACD atendeu a 205 estudantes da zona urbana e rural do município de Nova Palmeira, e sua diretora atual é a Senhorita Sandra de Medeiros.

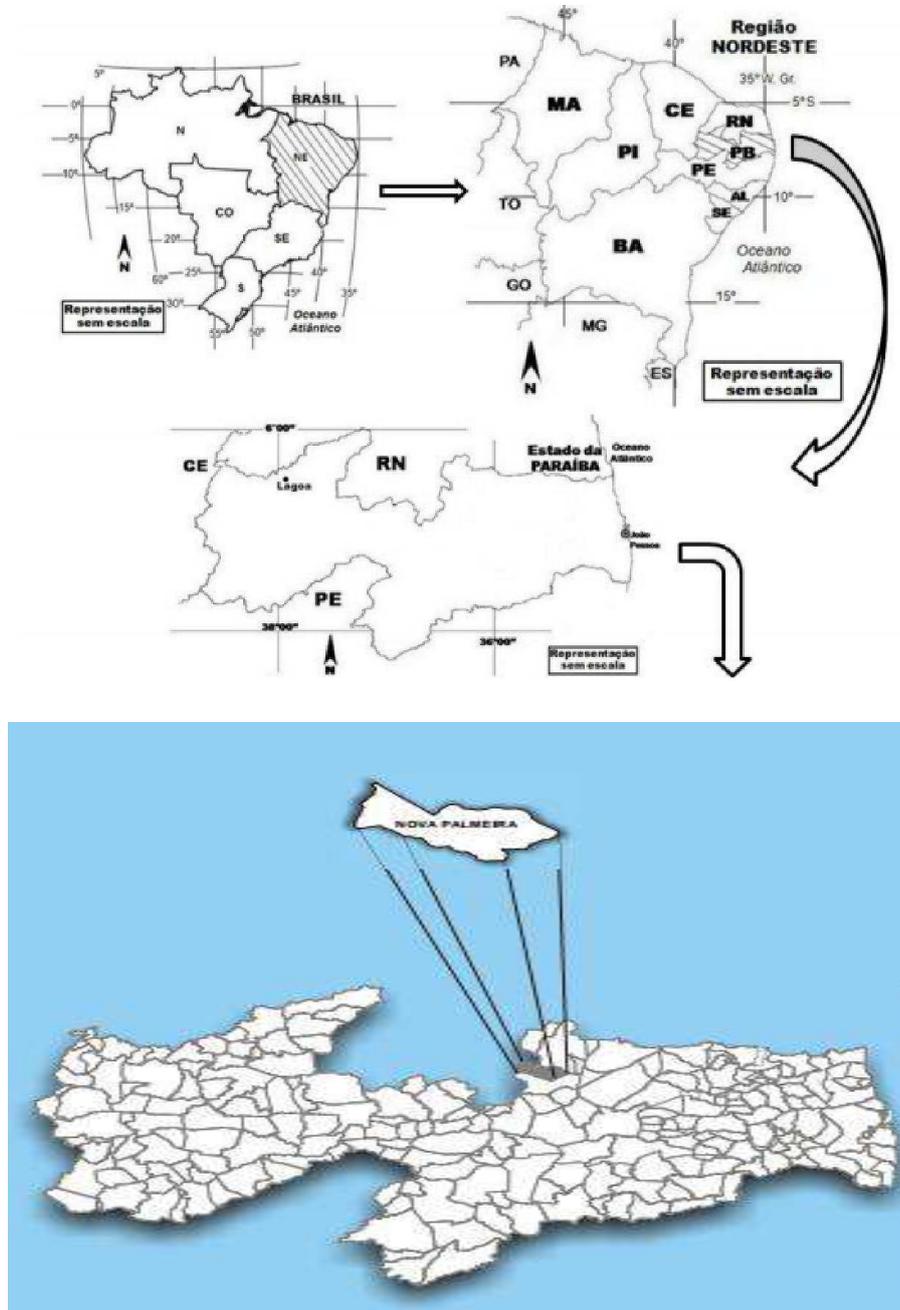


Figura 1. Mapa de localização do município de Nova Palmeira, Paraíba, Nordeste do Brasil. (Parte superior adaptado de Neto *et al.*, 2012 e parte inferior adaptado de Beltrão *et al.*, 2005).



Figura 2. Fachada da E.E.E.F.M. Antônio Coelho Dantas. (Foto: Mirleide Lima, 2014).

4.2 Coleta de dados etnozoológicos

Para a realização da pesquisa foram consideradas as turmas de ensino médio, sendo assim o universo amostral da investigação contemplou 26 alunos, sendo 23 homens e 3 mulheres, com idades entre 15 e 30 anos. Um contato inicial foi realizado junto à diretoria da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Coelho Dantas a fim de se expor os objetivos da pesquisa e de se obter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver apêndice A), conforme estabelecido nos aspectos legais e éticos da Resolução 196/96 do Comitê de Ética em Pesquisa (Ministério da Saúde, 2002). De posse do consentimento legal, aos estudantes do Ensino Médio e EJA que praticam ou não a atividade de caça foi ministrada uma aula abordando o tema “Bioma Caatinga” com o intuito de introduzir o assunto de pesquisa. Após esta atividade expositivo-dialogada foram apresentados os objetivos do estudo e, nesta mesma ocasião, os alunos foram convidados a participar do mesmo. Aqueles que livremente quiseram participar foram entrevistados em um segundo encontro, de acordo com a possibilidade de cada um. Neste outro evento foi realizada uma entrevista estruturada individual, utilizando-se um questionário (Apêndice B) com perguntas fechadas para se registrar dados relativos às questões socioeconômicas e informações específicas sobre a atividade cinegética na região (como p.ex. animais capturados e/ou caçados, técnicas de captura e/ou caça). A coleta de dados

etnozoológicos também incluiu a técnica de listagem livre (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

Os animais citados durante as entrevistas foram identificados através de pistas taxonômicas utilizando-se os nomes populares para se designar as espécies com base na literatura específica.

Para análise dos dados, cada entrevistado recebeu um código, eles foram numerados de 1 a 26, para que a identificação dos mesmos não possa ser feita pelas pessoas que tenham acesso a este trabalho e, até mesmo para a segurança dos mesmos, uma vez que a prática da caça é uma atividade ilícita.

4.3 Análise dos dados

Para a análise dos dados foi utilizada estatística descritiva (média e porcentagem).

5. Resultados e discussão

5.1 Aspectos demográficos, sociais e econômicos

A maior representatividade dentre os entrevistados girou em torno do gênero masculino (88%), corroborando com estudos de Barboza (2009) e Bezerra, Araujo & Alves (2011). Considerando todo o universo amostral, portanto ambos os gêneros foram contemplados na pesquisa, constatou-se que a maioria (77%) está na faixa etária entre 15 e 20 anos, sendo que a idade dos entrevistados variou entre 15 e 30 anos (Tabela 1). Com relação à zona onde reside, metade reside na zona urbana e metade na zona rural (Tabela 1), sendo por tanto a caça uma atividade realizada tanto pela população urbana quanto rural do município estudado. Ao perguntarmos quantas pessoas moram em casa (contando com o entrevistado) vimos que 84% dos domicílios abrigam de 4 a 6 pessoas (Tabela 1), resultado semelhante foi obtido nos estudos de Barbosa, Nobrega & Alves (2010); e que 92% das residências são próprias (Tabela 1). Com relação aos serviços 96% disseram dispor de energia elétrica, 54% dispõem de água encanada e 54% disse ter acesso a internet (Tabela 1), percebemos que nos dias atuais o acesso à informação está facilitado, uma vez que mais da metade dos entrevistados possuem ferramentas tecnológicas de veiculação de interação. No que diz respeito aos bens de consumo, todos afirmaram possuir televisão e aparelho celular, 96% possuem geladeira, 88% possuem moto, 73% possuem aparelho de som, 27% possuem carro, 35% possuem computador e 23% possuem telefone fixo (Tabela 1).

Em relação ao trabalho, 54% dos entrevistados afirmaram que trabalham (Tabela 1), onde 36% disseram exercer a profissão de agricultor (Tabela 1). Há relatos de alguns entrevistados que mesmo morando na cidade têm um vínculo com a zona rural, onde geralmente moram familiares, principalmente avós. Com relação a outras pessoas que moram com o entrevistado e que também trabalham 29% citaram a mãe e 27% o pai (Tabela 1), o que mostra que nos dias atuais muitas mulheres são também chefes de família. Dentre os pais, 73% estão empregados e dentre as mães, 77% estão empregadas (Tabela 1). Com relação à profissão destes familiares, a ocupação de agricultor aparece

com 45%, sendo por tanto, a atividade de maior concentração (Tabela 1). Nesta pesquisa assim como nos trabalhos realizado por Barbosa, Nóbrega & Alves (2010) e Barboza (2009) prevalece à profissão de agricultor, sendo esta também a atividade ocupacional mais exercida pelos próprios entrevistados.

A renda dos entrevistados e suas famílias são baixas visto que: 77% recebem auxílio do governo (Tabela 1) e 77% recebem entre um e três salários mínimos (R\$ 678,00 – um salário mínimo, ano base 2013) resultado semelhante é encontrado no trabalho de Barbosa, Nobrega & Alves (2010); e 19% recebem menos de um salário (Tabela 1). Esse é um fator que poderia contribuir para a realização da atividade de caça, uma vez que as famílias poderiam ter a necessidade de capturar animais silvestres para consumo da carne (caça de subsistência). No entanto, esta ideia não foi confirmada para este trabalho, como será visto mais adiante quando tratarmos da atividade cinegética (ver último parágrafo deste item).

Tabela 1. Aspectos demográficos, sociais e econômicos dos jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

1. Aspectos demográficos e sociais	Porcentagem (total bruto)
1.1. Gênero	
Masculino	88% (23)
Feminino	12% (3)
1.2. Faixa etária	
15 a 20	70% (20)
21 a 25	15% (4)
26 a 30	8% (2)
1.3. Zona de residência	
Zona urbana	50% (13)
Zona rural	50% (13)
1.4. Número de pessoas/lar	
1 a 3	8% (2)

Tabela 1. Continuação.

1. Aspectos demográficos e sociais	Porcentagem (total bruto)
4 a 6	84% (22)
7 a 9	4% (1)
10 ou mais	4% (1)
1.5. Residência	
Própria	92% (24)
Alugada	4% (1)
Outra situação	4% (1)
1.6. Serviços	
Energia elétrica	96% (25)
Água encanada	54% (14)
Acesso à internet	54% (14)
1.7. Bens de consumo	
Televisão	100% (26)
Celular	100% (26)
Telefone fixo	23% (6)
Geladeira	96% (25)
Aparelho de som	73% (19)
Computador	25% (9)
Moto	88% (23)
Carro	27% (7)
2. Aspectos ocupacionais e econômicos	Porcentagem (total bruto)
2.1. Situação dos entrevistados	
Trabalha	54% (14)
Não trabalham	46% (12)
2.2. Ocupação dos entrevistados	
Agricultor	36% (5)
Lavador de carro	14% (2)

Tabela 1. Continuação.

2. Aspectos ocupacionais e econômicos	Porcentagem (total bruto)
Servente de pedreiro	14% (2)
Outra	36% (5)
2.3. Familiares que trabalham	
Mãe	29% (20)
Pai	27% (19)
Irmão	13% (9)
Irmã	7% (5)
Tio	3% (2)
Tia	1% (1)
2.4. Situação dos pais	
Pai empregado	73% (19)
Pai desempregado	27% (7)
Mãe empregada	77% (20)
Mãe desempregada	23% (6)
2.5. Ocupação dos pais	
Agricultor	45% (23)
Garimpeiro	6% (3)
Dona de casa	14% (7)
Doméstica	6% (3)
Outra	29% (15)
2.6. Auxílio de renda governamental	
Sim	77% (20)
Não	23% (6)
2.7. Renda familiar mensal	
Menos de 1 salário	19% (5)
De 1 a 3 salários	77% (20)
Mais de 3 salários	4% (1)

5.2 Considerações sobre a atividade cinegética

Com relação à atividade de caça, 77% dos entrevistados afirmaram ter capturado um ou mais animais silvestres para criar em cativeiro (pets), sendo por tanto essa prática uma atividade muito disseminada na região, nesse caso, se faz necessário educar e reorientar a população para a conservação da vida silvestre. Um total de 81% dos entrevistados assegurou que outras pessoas que moram em sua residência praticam atividade de caça e, que seus irmãos representam 50% (14) dessas pessoas (Figura 3).

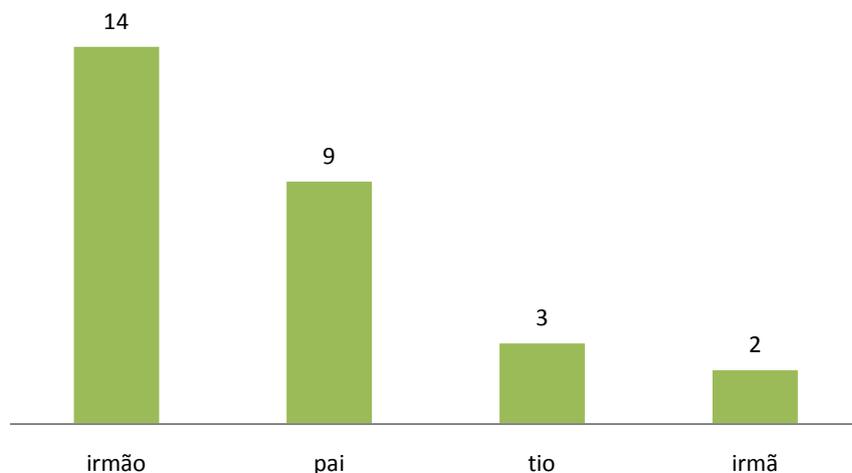


Figura 3. Pessoas que também caçam e moram na mesma casa que os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

No que tange à transmissão do conhecimento (com quem o entrevistado aprendeu a praticar atividade de caça), 27% (7) alegaram ter aprendido com um amigo e 19% (5) disseram ter aprendido com o pai e o mesmo percentual com o tio (Figura 4). Este fato nos mostra que muitas vezes esses conhecimentos são passados de pais para filhos, embora nesse caso, a maioria tenha aprendido com amigos. Estes resultados corroboram com estudos realizados por Neto *et al.* (2012), sobre a caça com cães no semiárido nordestino, onde estes autores afirmam que os caçadores costumam passar os ensinamentos dessa atividade para seus amigos e para quem mais quiser aprender.

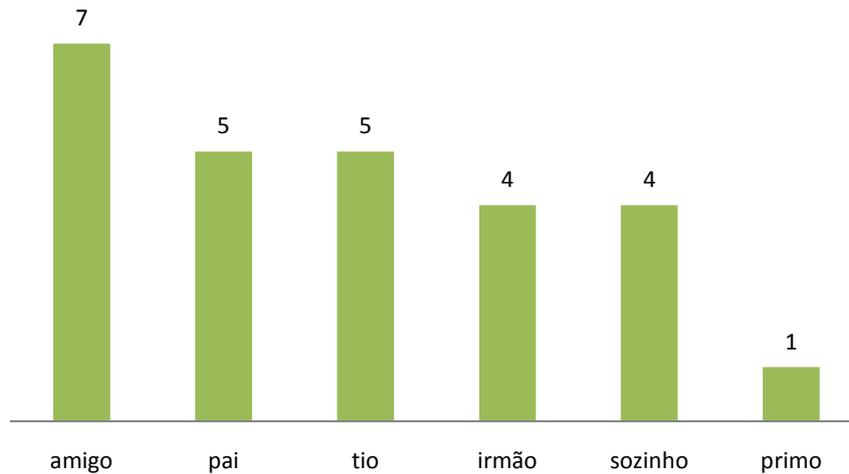


Figura 4. Pessoa que transmitiu o conhecimento da atividade de caça para os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

Quando perguntados com qual frequência o entrevistado realiza atividade de caça 92% disseram que raramente praticam essa atividade e apenas 8% afirmaram caçar uma vez por semana, queremos deixar claro que existiam mais duas opções, a cada 15 dias e duas vezes por semana, essas não foram escolhidas por nenhum dos entrevistados (Apêndice B). Esse resultado mostra que não há uma pressão muito grande sobre os animais cinegéticos por parte dos estudantes de ensino médio e EJA da escola Antônio Coelho Dantas na região estudada, uma vez que a atividade não ocorre com tanta frequência por parte da maioria dos entrevistados. No que diz respeito ao período da semana em que praticam atividade cinegética, 100% dos entrevistados alegaram praticar a caça no final de semana (sexta a domingo), quando os mesmos afirmaram ter tempo disponível, uma vez que trabalham e/ou estudam durante a semana, resultado semelhante ao encontrado por Neto *et al.* (2012). A maioria dos entrevistados (69%) prefere caçar durante a noite, corroborando com os resultados obtidos por Neto *et al.* (2012), em estudo com caçadores da cidade de Lagoa - PB. A maioria dos entrevistados prefere se deslocar até o local de caça a pé (69%) (Figura 5).

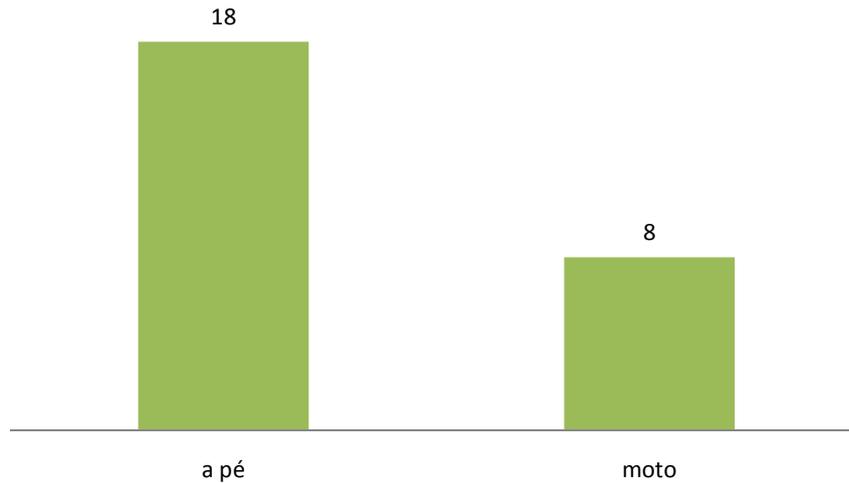


Figura 5. Meios de transporte mais utilizados para o deslocamento até a área onde vai realizar a atividade de caça segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

Quando perguntados a respeito do motivo que os levava a praticar a atividade de caça 58% disseram que caçavam por esporte e 42% disseram que a finalidade dessa prática era o consumo da carne de caça, resultados que corroboram com estudos sobre caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido brasileiro realizado por Alves, Gonçalves & Vieira (2012). O questionário apresentava também a opção de comércio (Apêndice B), que não foi escolhida por nenhum dos entrevistados, talvez porque os mesmos, sabedores que o comércio de animais silvestres é crime não quiseram se ariscar. Segundo a Lei de Crimes Ambientais (9605/98) é considerado crime matar, perseguir, comercializar, exportar, transportar e guardar em cativeiro espécies da fauna silvestre, estando sujeito a detenção de seis meses a dois anos e multa (ALVES & SOUTO, 2010b). Quanto ao consumo da carne de caça, 88% dos entrevistados declararam que ele e seus familiares comem carne de caça e, todos que consomem afirmaram que o fazem raramente. Mesmo com as implicações citadas acima a caça, o consumo e o comércio de animais silvestres persistem na área estudada e em várias outras regiões do país. No Paraná (região Sul) a caça é considerada uma ameaça à fauna silvestre, até mesmo nas unidades de conservação (FRAGOSO, DELGADO & LOPES, 2011). No Amapá (região Norte) destaca-se, principalmente a caça de

mamíferos (FERREIA, CAMPOS & ARAÚJO, 2012). Na Serra do Ouro Branco - MG (região Sudeste) mamíferos répteis e aves são utilizadas pelos moradores locais para fins de estimação, comércio e alimentação (LANA PINTO, BARBOSA MATEUS & SILVÉRIO PIRES, 2012).

5.2.1 Comércio dos produtos da caça

Quando questionado se o entrevistado ou alguém de sua casa vendia carne de caça todos afirmaram que não realizam essa prática. Entretanto, alguns entrevistados citaram alguns animais silvestres cuja carne costuma ser mais vendida e os possíveis preços (Quadro 1). Sabemos que o comércio de animais silvestres é crime, bem como a criação em cativeiro, no entanto o comércio geralmente ocorre de maneira bem discreta.

Quadro 1. Animais silvestres cuja carne é considerada mais vendida e seus respectivos preços estimados por unidade segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

Animal (nome popular)	Preço por unidade (R\$)
Tatu-peba	Entre 10,00 e 150,00
Tacaca	Entre 15,00 e 30,00
Tatu-verdadeiro	Entre 20,00 e 150,00
Rolinha-branca	1,50
Teiú	15,00
Lambu	1,50
Preá	1,50

Quando questionado se o entrevistado ou alguém de sua casa vendia passarinho do mato, dois estudantes (8%) afirmaram ter vendido “há muito tempo atrás”, palavras dos entrevistados, o pintassilgo-do-nordeste - *Sporagra yarrellii* (Audubon, 1839) por R\$ 50,00 e o caboclinho - *Sporophila bouvreuil*

(Stattus Muller, 1776) por R\$ 100,00 (entrevistado A.C.S.M.), e o golinho - *Sporophila albogularis* (Spix, 1825) por R\$ 20,00 (entrevistado J.F.C.N.).

Além dos dois entrevistados que já venderam aves silvestres, alguns citaram algumas aves que costumam ser vendidas na região e seus respectivos preços (Quadro 2). Segundo Policarpo (2013) a utilização de aves como animais de estimação (pets) tem sido o maior estimulador do comércio ilegal no Brasil. Ferreira *et al.* (2010) mostra em seu trabalho realizado na Serra do Baturité (CE) que o preço do galo-de-campina (*Paroaria dominicana*) pode variar de R\$ 5,00 a 500,00, o autor afirma que os preços variam muito, sendo levado em conta o tempo de domesticação do animal, uma vez que pássaros já domesticados cantam muito mais em cativeiro do que pássaros recém-capturados, sendo observado também o porte físico da ave e se é macho ou fêmea, uma vez que os cantores são os machos, sendo por este motivo mais valorizados. Alguns dos entrevistados disseram que os preços mais elevados são pagos por aves que são exímios cantadores e que já está há muito tempo em cativeiro.

Quadro 2. Animais silvestres vendidos para serem criados como animais de estimação em ordem decrescente do número de citações e preços por unidade segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

Animal (nome popular)	Preço por unidade (R\$)
Azulão	Entre 50,00 e 1.000,00
Galo-de-campina	Entre 10,00 e 1.000,00
Concriz	Entre 100,00 e 300,00
Golinho	Entre 20,00 e 30,00
Periquito-da-caatinga	Entre 15,00 e 100,00
Pintassilgo-do-nordeste	500,00
Canário-da-terra-verdadeiro	400,00
Caboclinho	100,00

Tabela 2. Táxons e categorias de uso citadas pelos jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

Táxon	Nome popular	Categoria de uso
RÉPTEIS		
Squamata		
Teiidae		
<i>Salvator merianae</i> (Duméril & Bibron, 1837)	teiú	alimentação
Iguanidae		
<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	camaleão	estimação
AVES		
Psittaciforme		
Psittacidae		
<i>Eupsittula cactorum</i> (Kuhl, 1820)	Periquito-da-caatinga	estimação
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	Papagaio-verdadeiro	estimação
Cariamiforme		
Cariamidae		
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	seriema	estimação
Columbiforme		
Columbidae		
<i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813)	rolinha-branca	estimação e alimento
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-caldo-de-feijão	estimação e alimento
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	arribaçã	alimento
<i>Leptotila verreauxi</i> (Bonaparte, 1855)	juriti-pupu	estimação e alimento
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	asa-branca	estimação

Tabela 2. Continuação.

Táxon	Nome popular	Categoria de uso
Passeriforme		
Thraupidae		
<i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1825)	golinho	estimação
<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776)	caboclinho	estimação
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho	estimação
<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	galo-de-campina	estimação
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra-verdadeiro	estimação
Fringillidae		
<i>Sporagra yarrellii</i> (Audubon, 1839)	pintassilgo-do-nordeste	estimação
Icteridae		
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	concriz	estimação
<i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	pega	estimação
Corvidae		
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	canção	estimação
Cardinalidae		
<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	azulão	estimação
Tinamiforme		
Tinamidae		
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	lambu-do-pé-vermelho	alimento
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	lambu-do-pé-roxo	alimento
MAMÍFEROS		
Carnivora		

Tabela 2. Continuação.

Táxon	Nome popular	Categoria de uso
Mephitidae		
<i>Conepatus amazonicus</i> (Lichtenstein, 1838)	tacaca ou gambá	alimento
Canidae		
<i>Cerdocyon thous</i> (Smith, 1839)	raposa	estimação
Felidae		
<i>Leopardus tigrinus</i> (Schreber, 1775)	gato-do- mato	alimento
Rodentia		
Caviidae		
<i>Kerodon rupestris</i> (Wied, 1820)	mocó	alimento
<i>Galea spixii</i> (Erleben, 1777)	preá	alimento
Xenarthra		
Myrmecophagidae		
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> (Linnaeus, 1758)	tamanduá-bandeira	alimento
<i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758)	tamanduá-mirim	alimento
Dasypodidae		
<i>Dasypus novemcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	tatu-verdadeiro	alimento
<i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	tatu-peba	estimação e alimento

Foi registrado um total de 31 espécies animais utilizadas para consumo humano e/ou criação em cativeiro no município de Nova Palmeira-PB, estas estão distribuídas em três categorias taxonômica répteis (2), aves (20) e mamíferos (9) e pertencem a 17 famílias (Tabela 2), sendo por tanto as aves, os animais mais capturados pelos entrevistados, resultado que corrobora com estudos realizados por Gonçalves (2012), uma vez que na Caatinga elas são

criadas e comercializadas, sendo este hábito uma tradição muito comum segundo Barbosa, Nobrega & Alves (2010). Aves da família Columbidae foram citadas como fonte de alimento, o que corrobora com estudos de Policarpo (2013), Nobrega (2011), Gonçalves (2012), e de Bezerra, Araujo & Alves (2012), o que mostra a importância cinegética desse grupo e, sua redução populacional é apontada principalmente devido à atividade de caça; já as aves das famílias Psittacidae, Thraupidae e Icteridae são utilizadas como animais de estimação (pets), por serem dóceis, inteligentes e de fácil manutenção em cativeiro, corroborando com estudos de Policarpo (2013), Nobrega (2011), Ferreira *et al.* (2010) e Gonçalves (2012), principalmente aves do gênero *Sporophila*, por serem conhecidas pela beleza de seu canto, acabam sendo capturados para criação em cativeiro e também para exploração comercial. Dentre as aves, destacamos pintassilgo-do-nordeste (*Sporagra yarrellii*), que está mundialmente ameaçada de extinção e consta na categoria Vulnerável da lista vermelha de espécies ameaçadas da IUCN, no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção e na Lista Nacional Oficial de Animais Ameaçados, sendo que nas listas supracitadas ele aparece com o nome de *Carduelis yarrellii*; ainda quanto ao status de conservação, as espécies *Leopardus tigrinus* e *Myrmecophaga tridactyla* constam no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção na categoria vulnerável (Chiarello *et al.*, 2008), na Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção na mesma categoria e constam também na lista vermelha das espécies ameaçadas da IUCN, também na categoria vulnerável. Famílias como Fringillidae, Corvidae e Cardinalidae que aparecem neste trabalho foram encontradas também em estudos realizados por Ferreira *et al.* (2010) em pesquisa realizada na Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra de Baturité – CE. Para os mamíferos foram citadas as famílias Caviidae, Felidae e Dasypodidae, tal como aparece no trabalho de Gonçalves (2012) e nos resultados de Alves, Gonçalves & Vieira (2012). Com relação aos répteis, *Salvator merianae* (Duméril & Bibron, 1839) (teiú), segundo os informantes de Neto *et al.* (2012) e Alves *et al.* (2010), muitas vezes este animal é capturado para evitar a predação de ovos e filhotes de galinhas domésticas, revelando que este animal silvestre pode representar uma ameaça a esses animais domésticos e, segundo Gonçalves (2012) o sabor da sua carne é comparado

ao sabor da carne de frango, o que o torna uma verdadeira iguaria. Neste trabalho, assim como registrado por Alves, Gonçalves & Vieira (2012), esta é a principal espécie de réptil cinegético, sendo esta a maior espécie de lagarto encontrada no semiárido nordestino. Ainda, segundo Alves *et al.* (2010) esta espécie é comumente usada como alimento, não só no Brasil, como também na Argentina, Paraguai e partes da Bolívia. Outro réptil citado pelos entrevistados nesta pesquisa é o camaleão *Iguana iguana* (Linnaeus 1758), onde o mesmo foi citado para fim de estimação por um dos entrevistados, segundo Alves *et al.* (2010) esta espécie é comumente usada tanto para fins de alimentação como para fins de estimação pelas populações humanas do Brasil. Apenas quatro espécies (incluindo aves e mamíferos) são utilizadas tanto para fins alimentares quanto para fins de estimação, sendo este um dos fatores que podem provocar uma maior pressão sobre estas espécies, podendo assim contribuir para a diminuição de suas populações (OLIVEIRA *et al.*, 2010). A figura 6 mostra todas as famílias de répteis, aves e mamíferos citados pelos entrevistados e os respectivos números de espécies.

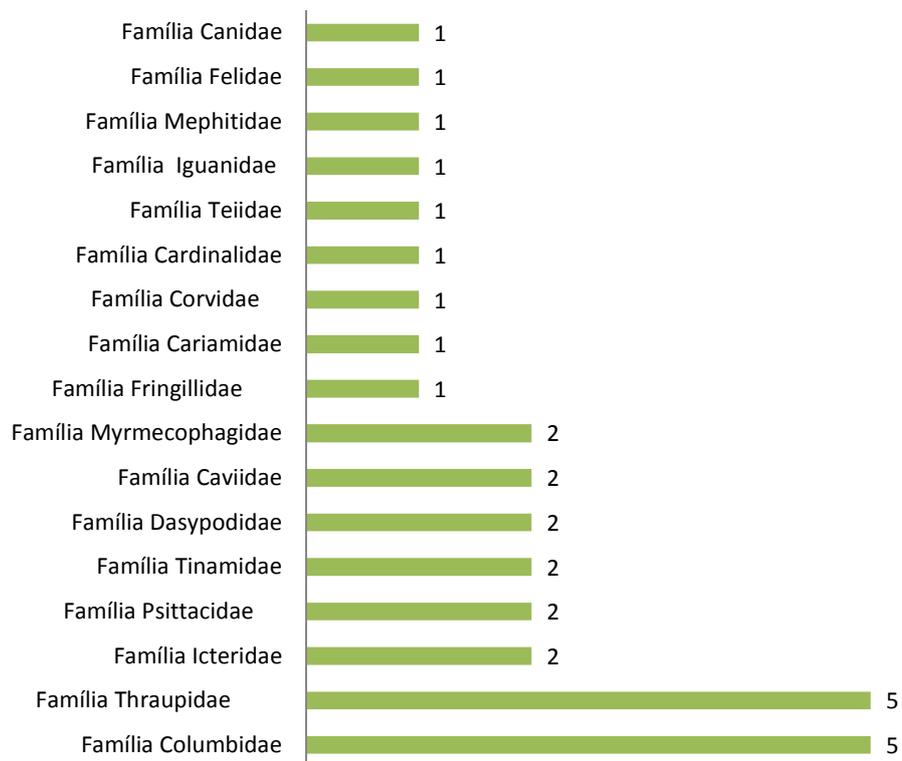


Figura 6. Famílias de répteis, aves e mamíferos e respectivos números de espécies segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

5.3 Comentários sobre as técnicas e tecnologias de captura e caça

Quanto às técnicas de caça 69% (20) preferem utilizar o cachorro (Figura 7), pois afirmam que o mesmo tem um bom faro para encontrar e capturar os animais, principalmente o tatu-peba, o tatu-verdadeiro e o teiú, pois os mesmos costumam viver em tocas. Resultados diferentes dos obtidos neste trabalho foram registrados por Bezerra, Araujo & Alves (2011) em sua pesquisa sobre uso de aves no Seridó do estado do Rio Grande do Norte, onde os mesmos registraram a utilização de cães associados estritamente à caça de aves, como a marreca (*Dendrocygna viduata*) e galinha d'água (*Gallinula galeata*), por exemplo. Segundo Neto *et al.* (2012), no Brasil, principalmente na região amazônica, a caça com cães é amplamente utilizada por comunidades rurais e indígenas. A utilização dos cães em atividades cinegética geralmente resulta em um número maior de animais capturados, uma vez que esses animais forrageiam (percorrem) áreas muito grandes e que seu dono, o caçador, geralmente percorre apenas trilhas, quando os cães são experientes e conhecem bem o local, forrageiam grandes áreas e cruzam com seus donos poucas vezes durante a prática dessa atividade. Neste estudo não foi perguntado sobre os possíveis preços de um bom cão de caça, mas segundo estudos de Neto *et al.* (2012), os preços variam de R\$ 500,00 a R\$ 2500,00.

Os entrevistados que disseram fazer uso de arma de fogo, afirmou que utilizam a espingarda como recurso para captura dos animais silvestres. Segundo Barbosa, Nobrega & Alves (2010) a arma de fogo representa uma ferramenta básica para muitos caçadores da comunidade Gravatá, município de Queimadas, apesar de ser uma técnica extremamente destrutiva. Ainda, segundo estes autores, os caçadores desta comunidade citaram como principais técnicas de caça o uso de cachorros e o uso de armadilhas, resultado semelhante ao encontrado nesta pesquisa. Este trabalho mostra que a maioria dos entrevistados que utilizam o cachorro nas atividades de caça preferem caçar no período da noite (85%) corroborando com estudos de Neto

et al. (2012) e Barbosa, Nobrega & Alves (2010) que afirma que a caça com cachorros geralmente ocorre à noite e em áreas com vegetação preservada.

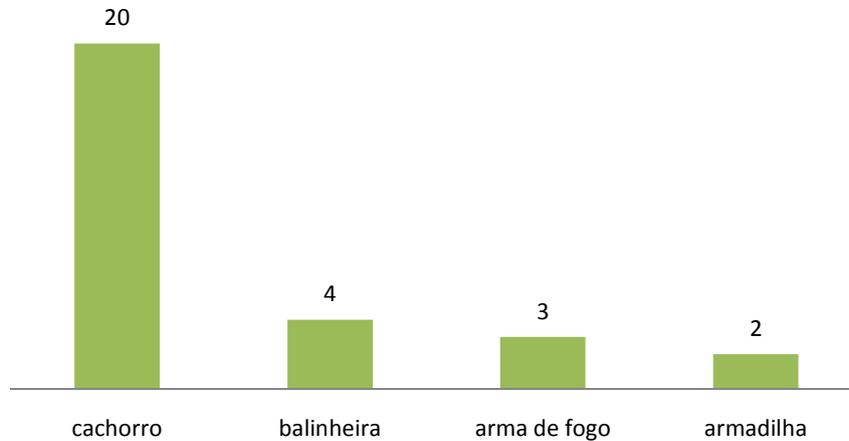


Figura 7. Técnicas de caça utilizadas por jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

Quando perguntados sobre quais animais o entrevistado já havia capturado para comer a carne, a maioria (20%) disse já ter capturado o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), pois o mesmo não é tão difícil de ser encontrado na região e nem de ser capturado e, também por ser um animal de maior porte quando comparado com outros vertebrados (Figura 8), esse resultado corrobora com os resultados obtidos por Gonçalves (2012). Ao analisarmos a figura abaixo, percebemos que as aves e os mamíferos são os principais animais cinegéticos de uso alimentar, resultado que corrobora com estudos realizados por Alves, Gonçalves & Vieira (2012). Esses resultados refletem a riqueza desses grupos no bioma estudado, sendo a riqueza de aves maior que a de mamíferos, 510 e 150 espécies, respectivamente. Assim como registrado por Nobrega (2011) a rolinha e o lambu são aves silvestres bastante consumidas como fonte de proteínas, sendo necessários planos de conservação para preservação destas espécies. Os jovens e adultos entrevistados citaram um total de 15 animais que são usados por eles e seus familiares para fins alimentares.

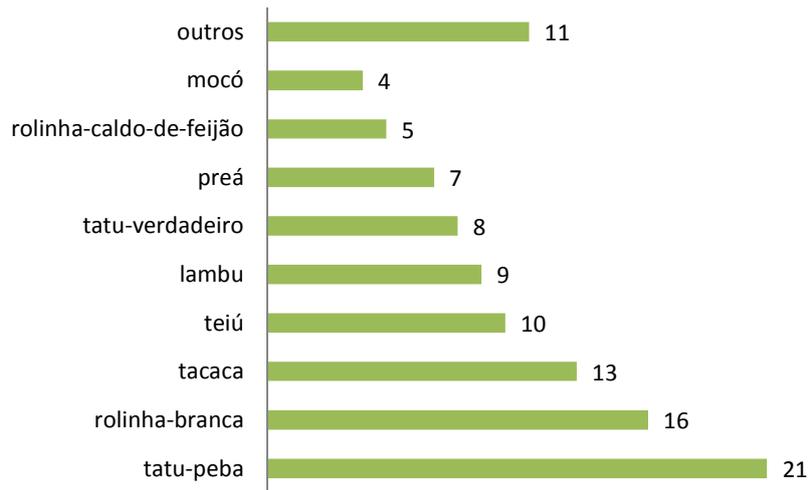


Figura 8. Animais capturados para consumo da carne segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

Foi perguntado também qual bicho do mato o entrevistado mais gosta de caçar, onde 31% disseram gostar mais de caçar a rolinha-branca e também 31% afirmaram gostar de caçar o tatu-peba, com relação ao modo de captura desses animais, eles alegaram que a rolinha-branca geralmente é capturada como uso da balinheira, também conhecida por baladeira ou estilingue, resultados que corroboram com estudos de Barbosa, Nobrega & Alves (2010) e Bezerra, Araujo & Alves (2012) e o tatu-peba com o uso de cães (Figura 9). Neto *et al.* (2012) diz que para capturar o tatu com uso de cães, os mesmos são levados até suas tocas para que possam se habituar a caçar esse tipo de animal e, que com o tempo e a experiência o cão começa a agir independentemente.

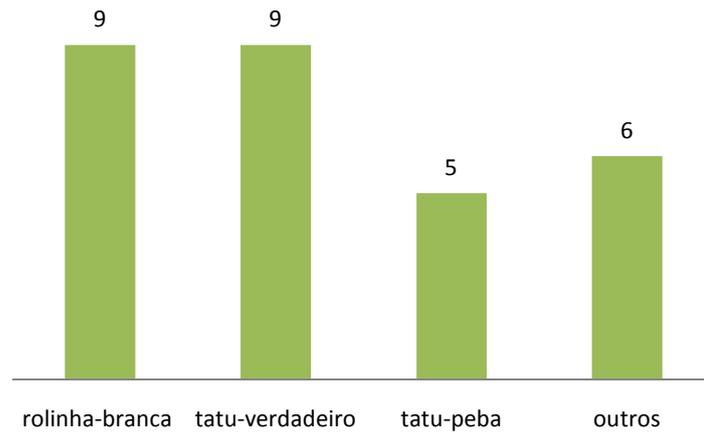


Figura 9. Animal silvestre que os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB mais gostam de caçar.

Os entrevistados foram perguntados sobre quais animais silvestres os mesmos já haviam capturado para criar como animais de estimação, 25% dos estudantes disseram que já haviam capturado o periquito-da-caatinga (*Eupsittula cactorum*; Kuhl, 1820) para ser criado como animal de estimação, seguido pelo golinho (*Sporophila albogularis*; Spix, 1825) e azulão (*Cyanoloxia brissonii*; Lichtenstein, 1823) (12%, cada) (Figura 10). Sendo por tanto as aves da Família Psittacidae, Cardinalidae e Thraupidae muito utilizadas para criação em cativeiro, assim como citado por outros autores (BARBOSA, NÓBREGA & ALVES, 2010; PAIXÃO *et al.*, 2013; POLICARPO, 2013; OLIVEIRA, 2011; NOBREGA, 2011). A figura 11 mostra o periquito-da-caatinga e a figura 12 mostra o azulão (A) e o golinho(B) todos criados em cativeiro como animal de estimação. O *Sporophila albogularis* pertencia à família Emberizidae, porém na lista de aves do Brasil mais recente (publicada pela CBRO em 2014), na qual ocorreram várias mudanças, esta ave agora pertence à família Thraupidae; já o periquito-da-caatinga mudou de gênero, pela CBRO 2014 pertence ao gênero *Eupsittula*, mas antes pertencia ao gênero *Aratinga*. Os jovens e adultos entrevistados citaram um total de 20 animais para fins de estimação.

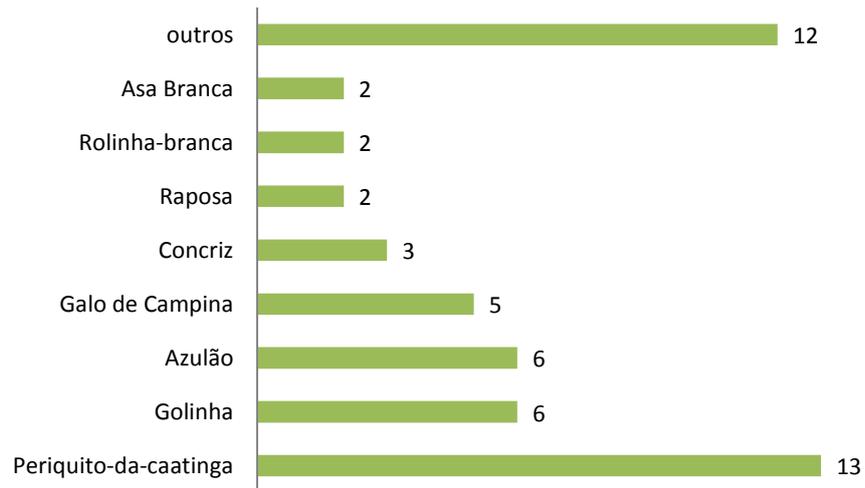


Figura 10. Animais mais capturados para criação em cativeiro (pet) segundo os jovens e adultos do ensino médio da E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas, Nova Palmeira, PB.

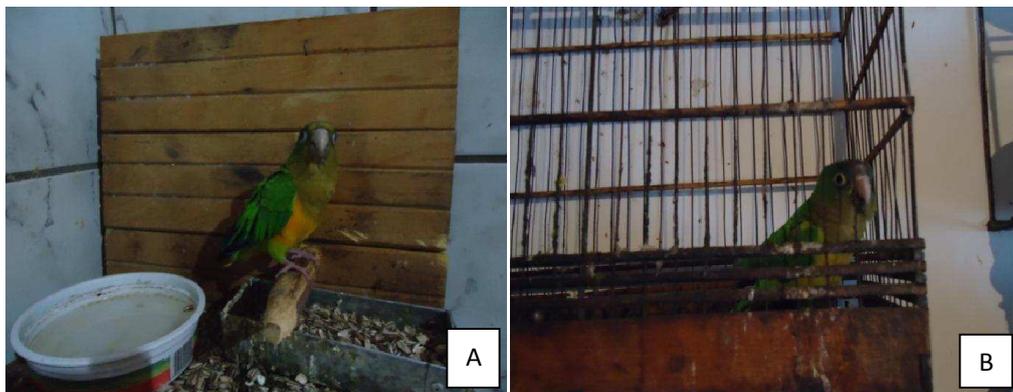


Figura 11. Periquito-da-caatinga (*Eupsittula cactorum*), foto representativa da espécie utilizada como animal de estimação, (A) animal criado em “poleiro”; (B) criado em gaiola. (Foto: Guia Oliveira, zona urbana do município de Pedra Lavrada, 2014).

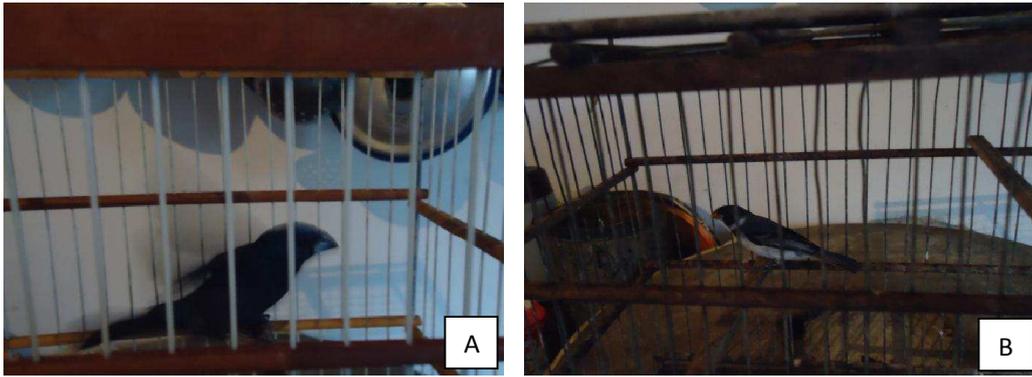


Figura 12. Azulão (*Cyanoloxia brissonii*) (A); golinho (*Sporophila albogularis*) (B), foto representativa das espécies utilizadas como animais de estimação. (Fotos: Josuel Pontes, zona urbana do município de Pedra Lavrada, 2014).

6. Considerações finais

A maioria dos entrevistados afirmou que outras pessoas que moram na mesma residência também praticam atividade de caça e, que na região a transmissão do conhecimento ocorre, principalmente, entre amigos. Entre os entrevistados a atividade em questão é praticada raramente e sempre aos finais de semana, sendo o período da noite preferido por eles, onde os mesmos caçam por esporte ou para consumir a carne de caça, carne essa que é consumida raramente e a mais consumida é a carne do tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*).

Embora os entrevistados tenham afirmado não comercializar carne de caça, eles citaram preços, o que indica uma forte possibilidade que algumas pessoas da região costumam realizar esse comércio, mesmo que o façam de maneira discreta, sendo que a carne de mamíferos é a mais comumente consumida.

Com relação às aves, uma minoria afirma já ter comercializado estes animais para criação em cativeiro, mas muitos citaram preços pelos quais eles costumam ser comercializados na região. As famílias mais representativas foram Columbidae e Thraupidae, onde a primeira é utilizada tanto para consumo da carne quanto para criação em cativeiro e a segunda apenas para utilização como animais de estimação (pets).

Com a realização deste trabalho percebemos que a atividade cinegética ainda está vivamente presente entre os jovens e adultos do município de Nova Palmeira, se fazendo necessária uma educação popular de reorientação para a conservação da fauna silvestre da caatinga. A realização desse tipo de atividade pode estar relacionada com o perfil socioeconômico dos entrevistados e de seus familiares, uma vez que a renda da maioria foi considerada baixa, se fazendo premente o uso do manejo sustentável da fauna silvestre. Dentre os animais cinegéticos, na maioria das vezes os mamíferos são capturados para consumo humano e as aves, principalmente para criação em cativeiro, sendo essa prática muito disseminada não só na região estudada como também em toda a região nordeste.

Para educar e orientar a população sobre a preservação da vida silvestre na caatinga seria interessante que os professores dessem uma ênfase maior ao bioma e aos animais que aqui se encontram, nas aulas de zoologia, por exemplo, os animais encontrados no bioma merecem um maior destaque, para isso o docente pode explicar melhor, com mais detalhes suas características, modo de vida e hábitat desses animais; já nas aulas de ecologia deve-se ressaltar a importância da fauna para a dinâmica dos ecossistemas, bem como destacar todas as características do bioma e sua importância em preservá-lo.

Referências Bibliográficas

AB'SABER, Aziz Nacib. 1977. **Os domínios morfoclimáticos na América do Sul: primeira aproximação**. Geomorfologia, v.53, p.1-23.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de *et al.* **Métodos e Técnicas para coleta de dados etnobiológicos**. Pp. 39-64. *In: Ulysses Paulino de Albuquerque, Reinaldo Farias Paiva de Lucena & Luiz Vital Fernandes Cruz da Cunha. (Org.), Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica*. Recife: Nupeea, 2010.

ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega & SOUTO, Wedson de Medeiros Silva. **Etnozoologia: conceitos, considerações históricas e importância**. Pp. 19-40. *In: Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Wedson de Medeiros Silva Souto & José da Silva Mourão. (Org.), A Etnozoologia no Brasil, Importância, Status atual e Perspectivas*. Recife: Nupeea, 2010a.

ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega & SOUTO, Wedson de Medeiros Silva. **Alguns desafios e dificuldades associadas às pesquisas etnozoológicas no Brasil**. Pp. 57-65. *In: Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Wedson de Medeiros Silva Souto & José da Silva Mourão. (Org.), A Etnozoologia no Brasil, Importância, Status atual e Perspectivas*. Recife: Nupeea, 2010b.

ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega *et al.* **Caça no semiárido paraibano: uma abordagem etnozoológica**. Pp. 347-377. *In: Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Wedson de Medeiros Silva Souto & José da Silva Mourão. (Org.), A Etnozoologia no Brasil, Importância, Status atual e Perspectivas*. Recife: Nupeea, 2010.

ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega; GONÇALVES, Maria Betânia Ribeiro & VIEIRA, Washington Luiz Silva. **Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro**. *Tropical Conservation Science* Vol.5 (3): 394-416, 2012.

ALVES TELES, Diêgo; RODRIGUES, Jennifer Katia & ALVES TELES, Ewerton. **Uso místico – religioso da fauna comercializada em feiras livres nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, Ceará, Nordeste do Brasil.** *Etnobiología* 11 (3): 28-33, 2013.

ARAÚJO, Ramon Teixeira Nascimento de; KRAEMER, Bruno Machado & MURTA, Paula Fernanda Oliveira. **Percepções ambientais e concepções de estudantes do ensino fundamental de Belo Horizonte/MG sobre tubarões.** *e-Scientia*, 4 (1): 69-79, 2011.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/consulta/>, acesso em 02 de janeiro de 2014.

BARBOZA, Raynner Rilke Duarte. *A Etnoecologia dos tatus-peba (Euphractus sexcinctus (Linnaeus, 1758) e tatu verdadeiro (Dasypus novemcinctus (Linnaeus, 1758) na perspectiva dos povos do semiárido paraibano.* 2009. P. Dissertação (mestrado, Ciência e Tecnologia Ambiental) – UEPB, Campina Grande.

BARBOSA, José Aécio Alves; NÓBREGA, Veruska Asevedo & ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. **Aspectos da caça e comércio ilegal da avifauna silvestre por populações tradicionais do semi-árido paraibano.** *Revista de Biologia e Ciências da Terra*. Vol. 10 (2): 39-49, 2010.

BARROS, Yara de Melo & MACHADO, Luiz Octávio Marcondes. **Comportamento alimentar do periquito-da-caatinga *Aratinga cactorum* em Curaça, Bahia.** *Ararajuba*. Vol. 8 (1): 55-59, 2000.

BELTRÃO, Breno Augusto. *et al.* **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea Estado da Paraíba. Diagnóstico do município de Nova Palmeira.** Recife. 2005.

BEZERRA, Dandara Monalisa Mariz; ARAUJO, Helder Pereira de & ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega. **Avifauna silvestre como recurso alimentar em áreas de semiárido no estado do Rio Grande do Norte, Brasil.** *Sitientibus série Ciências Biológicas* 11(2): 177–183. 2011.

BEZERRA, Dandara Monalisa Mariz; ARAUJO, Helder Pereira de & ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega. **Captura de aves silvestres no semiárido**

brasileiro: técnicas cinegéticas e implicações para conservação. *Tropical Conservation Science* Vol.5 (1):50-66, 2012.

BRASIL. Instrução Normativa Nº 29, de 5 de setembro de 2012. Acordo de Gestão em Unidade de Conservação de Uso Sustentável federal com populações tradicionais. *Diário Oficial da União, Brasília*, 2012.

BRASIL. Portaria nº- 78, de 3 de setembro de 2009. *Diário Oficial da União, Brasília*, nº 170, 4 de setembro de 2009.

BRASIL. Portaria Conjunta MMA/ICMBIO Nº 316, de 9 de setembro de 2009. *Diário Oficial da União, Brasília*, 2009.

BRASIL. Lei nº 5.197, de 03 de janeiro de 1967. Dispõe sobre a Proteção à Fauna. *Diário Oficial da União, Brasília*, 1967.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Dispõem sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. *Diário Oficial da União, Brasília*, 2000.

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. *Diário Oficial da União, Brasília*, 1998.

CLÉMENT, D. The historical foundations of ethnobiology (1860-1899). **Journal of Ethnobiology**, v. 18, n. 2, p. 161-187, 1998.

CHIARELLO, Adriano G. *et al.* **Livro Vermelho da fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Pp. 787 e 788. *In: Adriano G. Chiarello. Mamíferos*. 2008.

E. E. E. F. M. Antônio Coelho Dantas. Disponível em <https://www.facebook.com/EEEFMACD/info>. Acesso em 19 de janeiro de 2014.

FERREIRA, Hugo Fernandes *et al.* **Comércio e criação de aves (Psitaciformes, Piciformes e Passeriformes) no Estado do Ceará**. Pp. 381-402. *In: Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Wedson de Medeiros Silva Souto & José da Silva Mourão. (Org.), A Etnozoologia no Brasil, Importância, Status atual e Perspectivas*. Recife: Nupeea, 2010.

FERREIRA, Dayse Swélen Silva; CAMPOS, Carlos Eduardo Costa & ARAÚJO, Andrea Soares. **Aspectos da atividade de caça no Assentamento Rural Nova Canaã, Município de Porto Grande, Estado do Amapá.** Rev. Biota Amazônia. Macapá, v. 2, n. 1, p. 22-31, 2012.

FRAGOSO, Rosimeri de Oliveira; DELGADO, Luís Eduardo da Silveira & LOPES, Lílian de Moraes. **Aspectos da atividade de caça no Parque Nacional do Iguaçu, Paraná.** Rev. Biol. Neotrop. 8(1):41-52, 2011.

GONÇALVES, Maria Betânia Ribeiro. *Conhecimento e uso da fauna cinegética por caçadores no semiárido paraibano.* 2012. P. Dissertação (Pós-graduação, Ecologia e Conservação) – UEPB, Campina Grande.

IBGE – Censo Agropecuário. Mato Grosso. Nº 26. Pp. 1-324. 1985.

IUCN Red List of Threatened Species. 2013. Disponível em: www.iucnredlist.org. Acesso em 21 de junho de 2014.

LADEIA, Lara de Queiroz & FENNER, André. **Tráfico de animais silvestres.** Goiás. 2010.

LANA PINTO, Lorena Cristina; BARBOSA MATEUS, Michele & SILVÉRIO PIRES, Maria Rita. **Conhecimentos e usos da fauna terrestre por moradores rurais da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil.** Rev. Interciencia, vol. 37, núm. 7, julho, 2012, pp. 520-527.

LEAL, Inara R. *et al.* **Mudando o curso da conservação da biodiversidade na Caatinga do Nordeste do Brasil.** *Megadiversidade*. Vol. 1 (1): 139 – 146, 2005.

LOPES, Priscila Fabiana Macedo; SILVANO, Renato & BEGOSSI, Alpina. **Da Biologia a Etnobilogia – Taxonomia e etnotaxonomia, ecologia e etnoecologia.** Pp. 67-94. *In:* Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Wedson de Medeiros Silva Souto & José da Silva Mourão. (Org.), *A Etnozoologia no Brasil, Importância, Status atual e Perspectivas*. Recife: Nupeea, 2010.

MACHADO, Angelo Barbosa Monteiro; DRUMMOND, Gláucia Moreira & PAGLIA, Adriano Pereira. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Pp 709 e 710. *In: Adriano G. Chiarello et al. Mamíferos Ameaçados de Extinção no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2008.

MAGALHÃES, Janaina Silvestre. *Tráfico de animais silvestres no Brasil*. 2002. P. Monografia (graduação, Ciências Biológicas) – UniCEUB, Brasília.

NEGREIROS, Aline Barbosa; SILVA, Fernanda Pinto da & LIMA, Rogério Nora. **Percepção ambiental sobre a caça de animais silvestre: diferentes visões na cidade de Floriano-PI**. Piauí, 2011.

NETO, Carlos Frederico Alves de Vasconcelos, et al. **A caça com cães (*Canis lupus familiares*) em uma região do semiárido do nordeste do Brasil**. *Revista de Biologia e Farmácia*, 2012.

NETO, Paulo Bezerra Silva. **Manual de Manejo da Fauna para População Tradicional**. Pp. 15 a 190. São Paulo: Beca, 2009.

NÓBREGA, Veruska Asevedo. *Utilização de aves silvestres por moradores do município de Fagundes, semiárido paraibano: uma abordagem etnoornitológica*. 2011. P. TCC (graduação, Ciências Biológicas) – UEPB, Campina Grande.

OLIVEIRA, Eduardo Silva de. *Uso e conservação da fauna por populações humanas no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil*. 2011. P. Dissertação (mestrado, Ecologia) – UFRN, Natal.

PADRONE, José Maurício de Brito. *O comércio ilegal de animais silvestres: avaliação da questão ambiental no estado do Rio de Janeiro*. 2004. P. Dissertação (Mestrado, Ciência Ambiental) – UFF, Niterói.

PAIXÃO, Randson Modesto Coêlho da et al. **Entre saberes e observações: a manutenção em cativeiro de Passeriformes silvestres em uma comunidade da Zona da Mata Paraibana**. *Atualidades ornitológicas on-line*, nº 174, 54-59. Julho/Agosto 2013.

PEREIRA, Glauco Alves & JÚNIOR, Severino Mendes de Azevedo. **Estudo comparativo entre as comunidades de aves de dois fragmentos florestais de caatinga em Pernambuco, Brasil.** Revista Brasileira de Ornitologia, 19 (1): 22-31. Março de 2011.

POLICARPO, Iamara da Silva. *Uso de aves silvestres no Brasil: aspectos etnozoológicos e conservação.* 2013. P. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e bacharelado, Ciências Biológicas) – UEPB, Campina Grande.

RAZERA, Júlio César Castilho; BOCCARDO, Lílian & PEREIRA, Jussara Paula Resende. **Percepções sobre a fauna em estudantes indígenas de uma tribo tupinambá no Brasil: um caso de etnozootologia.** Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, 5 (3): 466-480. 2006.

SANTOS, D. S. *et al.* **Representatividade de espécies de aves ameaçadas no tráfico ilegal na Paraíba a partir de dados de CETAS/IBAMA/PB.** In: RODRIGUES, K. C.; ROOS, A. L. e WAGNER, P. G. C. Anais do IX Congresso de Ecologia do Brasil, 13 a 17 de setembro de 2009, São Lourenço – MG.

SOUZA, Gilvan Mota de & SOARES FILHO, Avaldo de Oliveira. **O comércio ilegal de aves silvestres na região do Paraguaçu e Sudoeste da Bahia.** Enciclopédia Biosfera, N.01, 2005 ISSN 1809-05832. Bahia, 2005.

SOUZA, Luciana Carvalho de. *Diagnóstico do atual status do tráfico de animais silvestres no Brasil.* 2007. P. Monografia (graduação, Engenharia Florestal) – UFRRJ, Seropédica.

STIFELMAN, Anelise Grehs. **Alguns aspectos sobre a fauna silvestre na lei dos crimes ambientais.** Viamão – RS. 2002.

Wiki aves, disponível em: <http://www.wikiaves.com/>, acesso em 13 de janeiro de 2014.

Apêndice

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Campina Grande

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: “Caça e uso da fauna cinegética por estudantes jovens e adultos de Ensino Médio no semiárido do Estado da Paraíba”

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, (inserir o nome, profissão, residente e domiciliado na....., portador da Cédula de identidade, RG , e inscrito no CPF/MF..... nascido(a) em ____ / ____ / _____ , abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “**Caça e uso da fauna cinegética por estudantes jovens e adultos de Ensino Médio no semiárido do Estado da Paraíba**”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para que se possam conhecer os saberes que você tem e as práticas de uso e comércio que você faz das plantas comercializadas como alimento na feira livre de sua região, e não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa ou instituição;
- II) O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, bem como observações diretas, sem riscos de causar prejuízo físico, sendo o maior risco o de você sentir-se constrangido (a);
- III) Caso você concorde em tomar parte neste estudo, será convidado (a) a participar de várias tarefas, como entrevistas, listar as plantas que você conhece, usa e comercializa na feira livre da região, ajudar os pesquisadores a coletar essas plantas, mostrar e, se for o caso, como você as usa e comercializa no seu dia a dia;
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;
- VI) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- VII) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa.

() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

IX) Observações Complementares.

X) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
HOSPITAL UNIVERSITARIO ALCIDES CARNEIRO
Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos

Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José.

CEP: 58401 – 490.

Tel: 2101 – 5545, e-mail: cep@huac.ufcg.edu.br.

Cuité, de de 2013.

Participante:

Testemunha 1 : _____

Nome / RG / Telefone

Testemunha 2 : _____

Nome / RG / Telefone

Responsável pelo Projeto:

Prof^a. Dra. Maria Franco Trindade Medeiros

Telefone para contato e endereço profissional: Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde – CES, Campus Cuité, Olho D'Água da Bica S/N Cuité - Paraíba - Brasil CEP: 58175-000, Telefone: (83) 3372-1900.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO ETNOZOOLOGICA

Nome completo:

Idade: Sexo: () feminino () masculino

Série que estuda:

Nome da escola:

Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você na contagem)?

A casa onde você mora é: () Própria () Alugada () Outra situação (cedida, emprestada...)

Na sua casa tem (se for o caso, pode marcar mais de um item):

() Televisão

() Geladeira

() Telefone fixo

() Telefone celular – quantos?

() Carro – quantos?

() Moto – quantas?

() Computador

() Aparelho de som

Na sua casa tem água encanada? () Sim () Não

Na sua casa tem energia elétrica? () Sim () Não

Na sua casa tem acesso à internet? () Sim () Não

Você trabalha? () Sim () Não

Se você trabalha, você faz o que?

Quem na sua casa trabalha?

() Mãe () Pai () Tia () Avó () Você mesmo

() Irmã () Irmão () Tio () Avô

Qual a profissão de seu pai?

Ele está trabalhando atualmente? () Sim () Não

Qual a profissão da sua mãe?

Ela está trabalhando atualmente? () Sim () Não

Sua família recebe bolsa-família? () Sim () Não

Qual a renda da sua família?

Você já caçou? () Sim () Não

Você já capturou algum bicho do mato (passarinho, mamífero, outro) para criar em casa? () Sim () Não

Tem alguém na sua casa que caça? () Sim () Não

Fora você, se tiver alguém na sua casa que caça, que é? (marcar mais de um opção, se for o caso)

() Mãe () Pai () Tia () Avó

() Irmã () Irmão () Tio () Avô

Com quem você aprendeu a caçar?

() Mãe () Pai () Tia () Avó

() Irmã () Irmão () Tio () Avô

() Primo () Amigo () Sozinho

Qual bicho do mato você já caçou para comer?

Qual bicho do mato você gosta mais de caçar?

Qual bicho do mato você capturou vivo para criar como animal de estimação?

Com qual frequência você caça?

() 1x por semana () 2x por semana

() a cada 15 dias () raramente

Qual período da semana você geralmente caça?

() começo da semana (segunda e terça)

() meio da semana (quarta e quinta)

() final de semana (sexta a domingo)

Por quê?

Quando você caça, prefere utilizar:

cachorro arma de fogo

armadilha balinheira

Se for arma de fogo, qual você usa?

Qual período do dia você prefere caçar? dia noite

Como você vai até o local de caça?

bicicleta a pé moto carro outro. Qual?

Qual o principal motivo para você caçar?

comer carne de caça comércio esporte

Você e seus familiares comem carne de caça? Sim Não

Com qual frequência vocês comem carne de caça?

todos os dias algumas vezes por semana

uma vez por semana raramente

Você ou alguém da sua casa vende carne de caça? Sim Não

Se SIM, qual o bicho do mato que a carne é mais vendida?

Qual o preço na região dos animais de caça que são mais vendidos?

Você ou alguém da sua casa vende passarinho do mato? Sim Não

Se SIM, qual o passarinho do mato que é mais vendida?

Qual o preço na região de cada passarinho?

MUITO OBRIGADA POR PARTICIPAR DESTA PESQUISA!!!

ENTREVISTADOR/A:

DATA: